a devoção faz relíquias?

devotion creates relics?

reliquiarum

CULTURA
SANTA CASA
Misericórdia de Lisboa

MUSEU
SÃO ROQUE

a devoção faz relíquias?

devotion creates relics?

jornada 4 | meeting 4

5 | 6 – julho july **– 2024**
Museu de São Roque Museum of São Roque

reliquiarum

CULTURA SANTA CASA Misericórdia de Lisboa

MUSEU SÃO ROQUE

edições SANTA CASA Misericórdia de Lisboa

índice
contents

5 apresentação presentation

três perguntas, três peças, três devoções?

9 Padre Cruz – Porque é que já são relíquias?
António Júlio Trigueiros SJ
Centro de Estudos Clássicos, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

15 Há objetos, como os da Madre Andaluz que talvez sejam relíquias?
Mafalda Franco Leitão
Servas de Nossa Senhora de Fátima
Rita Mendonça Leite
Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos de História Religiosa

23 Não-relíquia?
Pedro Teotónio Pereira
Museu de Lisboa – Santo António / EGEAC

como interpretar a proposta da exposição?

31 «non-relics? relics? almost-relics?» Who decides? Thoughts on the fourth exhibition of the project *reliquiarum* in the Tempory Exhibition Gallery of the Museu de São Roque, May 3 to July 28, 2024
Alberto Saviello
Institute of Art History, University of Bern
SNSF-Project: Global Bones. Entangled Histories, Transfer and Translations in the Early Modern Age

37 Texto crítico e reflexão conceptual: Exposição e catálogo *não-relíquias? relíquias? quase-relíquias?*
Joana Palmeirão
Universidade Católica Portuguesa (Porto), Escola das Artes, CITAR
Universidade de Évora, Laboratório HÉRCULES

43 *não-relíquias? relíquias? quase-relíquias?* Algumas questões em aberto
Maria de Lurdes Correia Fernandes
Instituto de Filosofia da Universidade do Porto, Faculdade de letras

47 Relíquias: objetos problemáticos?

Paula Almeida Mendes
CITEM – Universidade do Porto

53 Une fois encore : qu'est-ce qu'une relique ?

Pierre-Antoine Fabre
École des hautes études en sciences sociales

57 José Tomás de Sousa Martins (1843-1897), cientista e santo

Rosa Capelão
CITEM, Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaços e Memória, Faculdade de Letras da Universidade do Porto

três casos do Brasil, três casos de Portugal; as mesmas intorrogaçõe?

63 Um olhar sobre a exposição temporária *não-relíquias? relíquias? quase-relíquias? o doutor Sousa Martins, o pader Cruz, a madre Luiza Andaluz* em perspectiva comparada

Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva
Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

71 Relato de visita à exposição temporária *não-relíquias? relíquias? quase-relíquias? o doutor Sousa Martins, o pader Cruz, a madre Luiza Andaluz*

Flavia Galli Tatsch
Departamento de História da Arte, Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

77 Exposição *não-relíquias? relíquias? quase-relíquias?* (Lisboa, 2024) no âmbito de uma História dos Objetos

Renata Cristina de Sousa Nascimento
Pontificia Universidade Católica de Goiáis
Universidade Federal de Jataí
Universidade Estadual de Goiáis
NEMED – Universidade Federal do Panamá

82 sinopses synopsis

apresentação
presentation

Os textos das quartas jornadas do projeto *reliquiarum* tentam responder e problematizar as perguntas que estiveram na base da exposição anterior.

***não-relíquias?* Pensando no Doutor Sousa Martins, os seus objetos são não relíquias?**

***relíquias?* Os objetos do Padre Cruz sempre foram relíquias?**

***quase-relíquias?* Há objetos da Madre Andaluz que talvez sejam relíquias?**

A discussão juntou as respostas dos comissários e as suas escolhas de peças, anteriormente expostas, que lhes parecem ser exemplo das perguntas lançadas.

A essas perspetivas, mais próximas, juntámos textos resultantes do debate e observação da exposição por alguns dos elementos da comissão internacional do acompanhamento do *reliquiarum*.

Estes conteúdos foram enriquecidos com três textos das investigadoras do projeto *Confluências Medievais na Religiosidade Brasileira: Inventários de Santos e Relíquias* que, tendo estado em missão de trabalho junto do *reliquiarum*, puderam visitar a exposição.

Três perguntas, várias respostas, uma larga área de investigação em aberto.

Como conceptualizar as relíquias na sua constituição de objeto de devoção? As devoções nascem numa ligação direta com os objeto-relíquia? São as devoções que constroem as relíquias? Como usar casos individuais, de diferentes épocas, para aproximação a estas temáticas? Como fazer uso de metodologias comparativas?

Outras perguntas. Como investigar para lhes dar respostas?

The texts of the fourth meeting of the *reliquiarum* project attempt to answer and problematise the questions that formed the basis of the previous exhibition.

non-relics? Thinking of Dr Sousa Martins, are his objects non-relics?

relics? Have Father Cruz's objects always been relics?

almost-relics? Are there objects of Mother Andaluz that might be relics?

This discussion brought together the commissioners' answers and their choices of pieces, previously exhibited, which they felt could be examples of the question posed.

To these closer perspectives, we added texts resulting from the debate and observation of the exhibition by some of the members of the international commission monitoring the *reliquiarum.*

These contents were enriched with three texts by researchers from the project *Medieval Confluences in Brazilian Religiosity: Inventories of Saints and Relics* who, having been on a working mission with the *reliquiarum*, were able to visit the exhibition.

Three questions, several answers, a wide area of open research.

How can we conceptualise relics as objects of devotion? Are devotions born out of a direct connection with relics objects? Do devotions create relics? How can individual cases from different eras be used to approach these issues? How can comparative methodologies be used?

Other questions. How can we research to answer them?

três perguntas, três peças, três devoções?

Padre Cruz – Porque é que já são relíquias?

António Júlio Limpo Trigueiros SJ
Centro de Estudos Clássicos, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

A coleção de objetos expostos resulta de uma seleção de alguns dos muitos que se encontram conservados no Secretariado da Causa do P. Cruz, em Lisboa, criado logo após a sua morte em 1948, na casa que as suas grandes beneméritas e anfitriãs, as Senhoras Caldas, destinaram para esse efeito.

Ainda durante a vida do P. Cruz era frequente as pessoas que com ele conviveram guardarem objetos do seu uso pessoal ou que estavam de algum modo relacionados com a sua história. Nas muitas terras por onde passou a sua fama de santidade era notória e a devoção à sua pessoa foi crescendo particularmente entre aqueles que se sentiam agraciados pela sua oração e pela sua ação apostólica. Também durante a sua vida houve logo a preocupação de guardar testemunhos e de escrever mesmo biografias baseadas nas conversas entabuladas com o biografado. Os objetos pessoais encontrados no quarto onde morreu no Largo do Caldas, foram igualmente religiosamente integrados no espólio pessoal do Secretariado da Causa. Nos anos posteriores à sua morte e até aos dias de hoje por diversas vezes que particulares depositaram no Secretariado da Causa objetos que por tradição familiar estavam ligados à sua pessoa.

A figura de Francisco Rodrigues da Cruz, quer pela longevidade da sua vida que atravessou três distintos períodos da nossa história, quer pela amplitude da sua ação, percorrendo o país de lés a lés, constitui um exemplo de sacerdote zeloso pelo bem das almas e generoso para com os mais desafortunados. Assim se explica a relevância dada a objetos banais da vida quotidiana, que fez muitos dos seus devotos conservarem os mais ínfimos artefactos que pudessem de algum modo ligar-se à sua vida. São objetos que ilustram uma identidade, uma ação apostólica e sócio caritativa intensa e extensa e um conjunto de práticas devocionais que caracterizaram essa mesma ação. Daí a consciência de serem desde logo consideradas como relíquias, quer durante a sua vida, quer após a sua morte, seja pelo cuidado com que foram conservadas, como mesmo por uma consciência de que viriam a tornar-se importantes testemunhos de uma fama de santidade bem notória desde muito cedo e que interessava conservar para poderem contribuir para o seu processo de canonização.

Segundo testemunho de alguns dos doadores, muitas delas foram mesmo utilizadas como relíquias de toque, em momentos de dificuldade das vidas dos seus devotos

(doenças, partos, momentos de preocupação), na convicção de que eram capazes de alcançar as graças desejadas.

A excecionalidade de vida do P. Cruz dá a este conjunto de artefactos o estatuto de verdadeiras relíquias de um homem «canonizado» em vida pelos seus devotos, numa devoção que se mantém viva mais de setenta e cinco anos após a sua morte, mesmo se por diversas vicissitudes o seu processo de canonização tarda em concluir.

Das peças expostas selecionamos três tipologias diferentes de relíquias do núcleo expositivo dedicado ao Padre Cruz:

- *Relíquias Identitárias* – batina, chapéu e rosário – são identificativas da imagem do Padre Cruz, em retrato fotográfico e pintura. Uma batina e chapéu que usava em tempos de perseguição, em que estava proibido o uso de vestes eclesiásticas e que se tornou numa imagem identitária deste clérigo giróvago. O rosário que reflete a intensa vida de oração.
- *Relíquias Excecionais* – passes de comboio – revelam a vida excecional de missionário itinerante e o imparável e incansável movimento pelo território nacional com um elevadíssimo número de visitas pastorais. Estes passes aparentemente banais são testemunhos dessa vida de missionário descorrente, associado à grande listagem de povoações visitadas.
- *Relíquias Devocionais* – toalha de corte de cabelo – como consequência da excecionalidade da sua vida, e da fama crescente de santidade, inicia o processo devocional relativo a relíquias de toque, nos mais ínfimos detalhes da vida quotidiana, com artefactos conservados religiosamente como é o caso. É igualmente frequente nalgumas casas onde pernoitou conservar-se a memória do leito e do aposento onde dormiu.

Padre Cruz no final da vida
Father Cruz at the end of his life
Portugal, c. 1948
Fotografia sobre papel
14,5 x 10,2 cm
Lisboa, Sede da Causa da Canonização do Padre Cruz

Passes de transportes públicos do Padre Cruz
Public transport passes from Father Cruz
Portugal, século XX
Impressos e manuscritos sobre cartão com fotografias sobre papel
Diversas medidas
Lisboa, Sede da Causa da Canonização do Padre Cruz

Toalha com que foi cortado o cabelo do Padre Cruz, em São Salvador do Campo, Minho, 194...

Towel with which Father Cruz's hair was cut, in São Salvador do Campo, Minho, 194...

Portugal, década de 1940

Linho

136 x 64 cm

Lisboa, Sede da Causa da Canonização do Padre Cruz

Há objetos, como os da Madre Andaluz que talvez sejam relíquias, porquê?

Mafalda Franco Leitão
Servas de Nossa Senhora de Fátima

Rita Mendonça Leite
Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos de História Religiosa

Há objetos de Luiza Andaluz que talvez sejam relíquias.
Objetos como a mala de mão de Luiza Andaluz, ou a sua caixa de materiais de preparação de relíquias dos videntes de Fátima, ou ainda o manuscrito das suas Memórias sobre a constituição da Congregação que fundou, estão em processo de ser relíquias.
A escolha destes três objetos, de entre as dezenas que compuseram o núcleo expositivo dedicado a Luiza Andaluz e as centenas que da Fundadora se preservam no espólio documental da Congregação das Servas de Nossa Senhora de Fátima, visou assinalar problemáticas distintas sobre as quais se pode refletir a partir do percurso de Luiza Andaluz.
A mala materializa a sua feminilidade, ao mesmo tempo que simboliza a componente ativa e dinâmica da sua liderança. Não tendo hábito especial, as Irmãs Servas de Nossa Senhora de Fátima deviam vestir-se de acordo com as **«***normas da modéstia cristã***»**[1], sem nenhum sinal externo que as distinguisse na sua indumentária, de modo que facilmente se pudessem confundir com as pessoas da mesma condição social. Oriunda de uma classe privilegiada, Luiza Andaluz na sua simplicidade e sobriedade, nunca se desvinculou das suas origens. Mulher ativa – no campo da pedagogia, gestão e espiritualidade – manteve uma dinâmica de circulação admirável, impulsionando uma esfera de influência nacional, exemplificada em relatos como este de outubro de 1932, em que programava:

> *Eu vou agora fazer uma* tournée *que começa amanhã por um passeio com as noviças a Mafra. A 25 vou para Coimbra, se Deus quiser, a 26 para Loriga – serra da Estrela aonde me devo demorar até ao fim do mês. (...). Dali vou para Portalegre, Redondo e Évora esperando poder estar em Lisboa a 7 ou 8 de novembro*[2].

Mala de Luiza Andaluz
Luiza Andaluz's handbag
Portugal, século XX
Pele com aplicações metálicas
30 x 25 cm
Lisboa, Servas da Nossa Senhora de Fátima / Casa de São Mamede

Nesses circuitos, gerindo e organizando a Congregação, estruturou também uma rede de contactos, integrada por figuras cujos pertences também podem ser hoje observados como objeto de «reliquiarização», como os do Padre Cruz, a quem se referia nestes termos, a propósito do seu falecimento em outubro de 1948:

> *Nesta data voou para o Céu a bela alma do santo Padre Cruz, que todos nós portugueses tanto venerávamos. Nas minhas visitas às nossas casas foi com frequência meu companheiro de viagem em caminho de ferro. Recordo-me que, uma vez, seguindo eu para Portalegre, já o encontrei a rezar quando entrei na carruagem que tomei. No fim de ter rezado muito, encostou-se cobriu-se com a capa que ele nunca largava e parecia estar a dormir. Eu, que ainda não tinha rezado quase nada naquele dia, por motivo das muitas voltas dadas, tendo ali descansado um bocado e sentindo o espírito mais refeito para poder fazer oração, tirei o meu terço para fora do bolso e propunha-me rezá-lo. Não sei como foi que aquele piedoso sacerdote, de olhos fechados logo deu por isso: levanta-se, apruma-se e diz-me:* 'Vamos lá de companhia*.' (...) ele depressa pega também no seu terço (que talvez até nem tivesse largado) e lá fomos rezando* de companhia*, com grande satisfação minha até Portalegre.*[3]

Dois anos depois, em 1950, referia-se já à circulação de «relíquias do Padre Cruz»[4].
A caixa de materiais de preparação de relicários de Jacinta e Francisco, a que Luiza Andaluz se dedicou muitos antes destes serem canonizados, traz-nos uma outra faceta da Fundadora, enquanto produtora de relíquias e alguém que, através das manualidades e materialidades – confecionando, cortando, colando e bordando cuidadosamente centenas de relicários para os pedaços da azinheira, dos vestidos usados por Jacinta, do cobertor de Francisco ou de fitas que durante algumas horas estiveram aos pés da imagem de Nossa Senhora – se fez também difusora da mensagem de Fátima. Do seu trabalho no Santuário, relatava em maio de 1955:

> *Aqui estamos todas regularmente graças a Deus e eu até muito bem. Durmo, como, rezo, faço relíquias, conto histórias aos estrangeiros (enquanto os não vejo de lágrimas nos olhos não os largo) e assim se vão passando estes dias até Deus permitir. Está-se aqui muito bem*[5].

O manuscrito das Memórias de Luiza Andaluz – a primeira História da Congregação – escrita entre fevereiro de 1951 e maio de 1954, constitui também um dos primeiros instrumentos de preservação da memória das Servas de Nossa Senhora de Fátima, num esforço mantido e continuado pela comunidade através de iniciativas como a da organização do Arquivo Histórico da Congregação, uma importante fonte

Caixa de materiais de preparação dos saquinhos de relíquias dos três pastorinhos de Nossa Senhora de Fátima

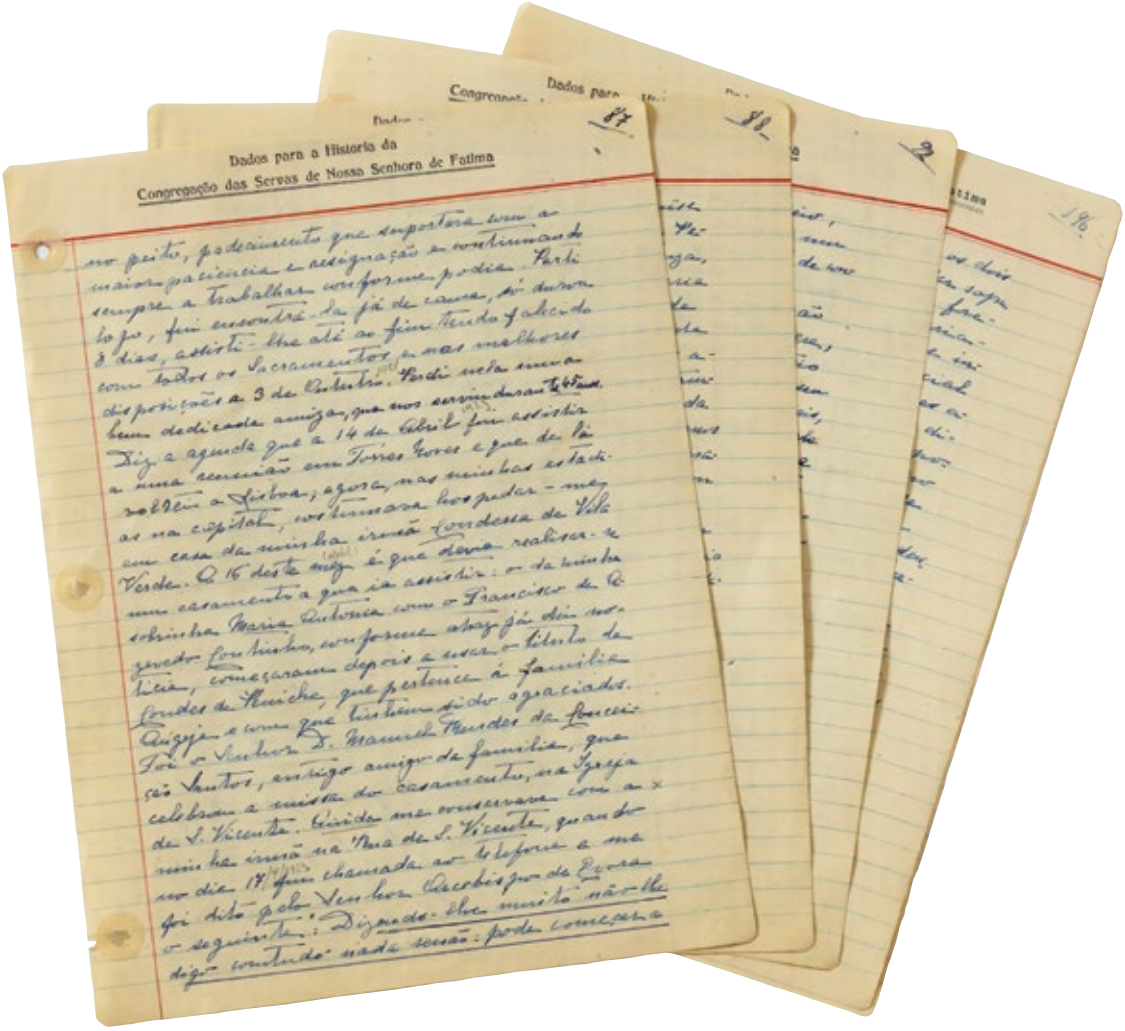
Box of materials for preparing the relic bags of the three little shepherds of Our Lady of Fátima

Portugal, século XX

Madeira, tecido, metal, papel

22,5 x 23 cm

Lisboa, Servas da Nossa Senhora de Fátima / Casa de São Mamede



Dados para a Historia da
Congregação das Servas de Nossa Senhora de Fatima

***História da Congregação*, manuscrito das memórias de Luiza Andaluz**
History of the Congregation, manuscript of Luiza Andaluz's memories
Portugal, século XX
Manuscrito sobre papel
20 x 29 cm
Lisboa, Servas da Nossa Senhora de Fátima / Casa de São Mamede

de acesso a documentação que dá voz a mulheres que, em escalas distintas e em áreas de intervenção diversas, protagonizaram e moldaram parte da história da sociedade e do catolicismo contemporâneos em Portugal. Por sua vez, a Congregação empenhou-se também – e continua a fazê-lo até aos dias de hoje – na preservação da memória da sua Fundadora – dedicando uma reflexão continuada em torno dos seus escritos profusos – não apenas a História, mas também os seus Pensamentos, Correspondência, Discursos e Comunicações – preservados no cofre-forte do Arquivo e recentemente publicados na íntegra; e investindo no seu processo de beatificação.

Este processo de preservação da memória de Luiza, através da guarda e conservação dos seus objetos pessoais, tem sido também, em primeiro lugar para os membros da Congregação que fundou, um processo de apropriação e de valorização dos mesmos objetos. Inicialmente, os objetos foram guardados pela Congregação como memória da sua Fundadora e mantidos apenas dentro da mesma. Progressivamente, pelo conhecimento cada vez maior da vida e obra de Luiza fora da sua família carismática, os seus objectos pessoais e os seus escritos têm-se tornado públicos, tornando-os assim, gradualmente em relíquias.

A 19 de julho de 1945, Luiza Andaluz escrevia ao Vigário Geral da Diocese de Leiria dando conta de que as Servas de Nossa Senhora de Fátima tomariam parte na celebração das Bodas de Prata de D. José Alves Correia da Silva, prelado daquela diocese, dando mostras da gratidão e estima que por ele tinha a Congregação e lamentando: «*Não podemos oferecer nenhuma relíquia de santas porque somos ainda de fundação recente, só temos 22 anos de existência, e infelizmente ainda não podemos orgulhar-nos dessa glória*»[6]. Porém, há objetos de Luiza Andaluz que talvez sejam relíquias.

1. ANDALUZ, (2023), p. 12.
2. ANDALUZ, (2021b), p. 56.
3. ANDALUZ, (2020), pp.198-199.
4. ANDALUZ, (2021c), p. 259.
5. ANDALUZ, (2021a), pp. 363-364.
6. ANDALUZ, (2022), p.127.

BIBLIOGRAFIA

ANDALUZ, Luiza (2020) — *História da Congregação das Servas de Nossa Senhora de Fátima*. Org. Mafalda Franco Leitão, Lília Petro Guerreiro, Stephanie Martinho Gomes e Deolinda Serralheiro. Cascais: Lucerna.

ANDALUZ, Luiza (2021a) — À Irmã Georgina da Ascenção Saramago, [Fátima], 18 de maio de 1955. *Correspondência para as Irmãs da Congregação*. Org. Rita Mendonça Leite, Mafalda Franco Leitão e Dina Batalha Henriques. Cascais: Lucerna, pp. 363-364.

ANDALUZ, Luiza (2021b) — Luiza Andaluz a Joaquina Júlia da Silva Santos (Dafundo, 24 de outubro de 1932). *Correspondência para as Irmãs da Congregação*. Org. Rita Mendonça Leite, Mafalda Franco Leitão e Dina Batalha Henriques. Cascais: Lucerna, pp. 56-57.

ANDALUZ, Luiza (2021c) — Luiza Andaluz a Maria Emília Mendes [1950]. *Correspondência para as Irmãs da Congregação*. Org. Rita Mendonça Leite, Mafalda Franco Leitão e Dina Batalha Henriques. Cascais: Lucerna, pp. 258-259.

ANDALUZ, Luiza (2022) — Luiza Andaluz ao Vigário-Geral da Diocese de Leiria (Lisboa, 19 de julho de 1945). *Correspondência Geral*. Org. Rita Mendonça Leite, Mafalda Franco Leitão e Dina Batalha Henriques. Cascais: Lucerna, p. 127.

ANDALUZ, Luiza (2023) — Caminha a Igreja… – Discurso proferido por Luiza Andaluz a 2 de outubro de 1944. *Comunicações e Discursos*. Org. Rita Mendonça Leite, Mafalda Franco Leitão e Dina Batalha Henriques. Cascais: Lucerna, pp. 10-13.

Não-relíquia?

Pedro Teotónio Pereira
Museu de Lisboa – Santo António / EGEAC

Podem os objetos relacionados com o Dr. Sousa Martins serem considerados relíquias? Podem ser relíquias os objetos que pertenceram a alguém agnóstico, que recusou a religião?
Formalmente a resposta é negativa, mas para os devotos no Dr. Sousa Martins a resposta é simples e clara. O espírito do Dr. Sousa Martins está presente em cada objeto que lhe pertenceu, em cada peça que o referencia e que o evoca, tornando-o efetivo e interventivo. Por isso estar próximo destes objetos é estar próximo dele, beneficiar da sua influência e ação.

Campainha do gabinete do Dr. Sousa Martins

Conservada no acervo museológico do Hospital de São José, onde Sousa Martins se distinguiu como grande professor e onde exerceu a sua prática médica, este curioso objeto aproxima-nos do médico e torna-o muito presente. Apesar da sua vida muito ocupada entre aulas, consultas e participação ativa em inúmeras organizações científicas e culturais que ajudou a fundar, Sousa Martins estava sempre disponível para atender os mais pobres.
Era o médico conceituado que assistia a família real, artistas e intelectuais, e que simultaneamente mantinha consultas gratuitas para a população mais desfavorecida, que o venerava com um misto de medo e enorme respeito. Vinham de todo o país para visitar o doutor famoso, que os recebia em consultas rápidas, de precisão cronométrica, mas com resultados extraordinários, que vão fomentando a fama de taumaturgo que alcançou ainda em vida e que se reforça sobretudo após a sua morte.

Formulário médico manuscrito de Sousa Martins com anotações e descrições do receituário indicado para cada doente

Sousa Martins realizou simultaneamente o curso de Farmácia e de Medicina e Cirurgia, formação que se revelou fundamental para a sua carreira médica, amplamente reconhecida por colegas e doentes.

Campainha do gabinete do Dr. Sousa Martins
Dr Sousa Martins' office bell
Portugal, século XIX
Madeira, latão e baquelite
ø 8 cm
Lisboa, Unidade Local de Saúde de São José
inv. CHLC/AMB/PHH/9/0001

Formulário médico manuscrito pelo Dr. Sousa Martins
Medical from handwritten by Dr Sousa Martins
Portugal, século XIX
Manuscrito sobre papel, cabedal e cartão
9,5 x 7,5 x 0,8 cm (fechado)
Lisboa, Unidade Local de Saúde de São José
inv. CHLC/AMB/ADF/4/0063

Oleo de papoulas (qualquer) — 32 onças
Aromatise-se com algumas gottas d'oleo essencial e faça-se pommada.

309 Pommada d'iodureto d'enxofre de Biett
Iodureto d'enxofre — 1 outava
Banha de porco p.p. — 2½ onças

310 Unguento basilicão amarello
Sebo preparado } aa — 10 onças
Cera amarella }
Pez louro — 18 onças
Azeite — 24 onças

311 Balsamo d'Arceu ao Ung.to d'elemi da Pharm. Geral
Resina elemi — 1 libra
Terebenthina — 10 onças
Sebo preparado — 2 libras
Azeite — 2 onças

312 Unguento d'estoraque
Colophonia — 4 onças
Resina elemi, cera amarella e estoraque liquido — aa — 2 onças
Oleo de noses — 8 onças

313 Sub carbonato de soda — 2 outavas
Cal caustica — 2 outavas
Banha de porco p.p. — 2 onças
F. s. a. pommada

314 Unguento rosado composto do Collegio Pharm.co Lusitano sem oleo d'alfarema
Unguento rosado — 1 onça
Protellorur.o de mercurio precip.do — 1 outava

315 Unguento d'alvaiade da Ph. Geral
Alvaiade } aa — 9 onças
Cera branca }
Manteiga — 3 libras
Derreta a cera no azeite a fogo brando e fria de hum se lhe falta hum a outro o alvaiade prepare-se como adiante

316 Unguento d'alvaiade Camphorado da Ph. Geral
Junta-se a cada onça do ungento d'alvaiade 12 grãos de Camphora subtilisada em alg.as gottas d'azeite.

Escultura do Dr. Sousa Martins, alvo de devoção popular
Sculpture of Dr Sousa Martins, subject to popular devotion
Portugal, século XIX
Cerâmica policromada
67 x 30 x 18 cm
Alhandra, Jazigo da família Sousa Martins

Ainda em criança vem de Alhandra estudar para Lisboa, para casa do tio materno, Lázaro Joaquim de Sousa Pereira, proprietário e fundador da farmácia Ultramarina. Com 13 anos é registado como praticante de farmácia; com 19 anos matricula-se no curso de farmácia da escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, e um ano depois no curso de Medicina. Aluno brilhante, com 21 anos é eleito sócio efetivo da Sociedade Farmacêutica Lusitana, e com 25 anos é aceite professor na Escola Médico-cirúrgica de Lisboa, ascendendo em 1876 ao lugar de Lente da cadeira de Patologia Geral, Semiologia e História da Medicina.
Na prática médica, era muito perspicaz e assertivo no diagnóstico, e o conhecimento adquirido enquanto farmacêutico permitia-lhe manusear a terapêutica com uma eficiência ímpar. Por isso este caderno com anotações escritas pelo próprio punho de Sousa Martins para cada doente torna-se num repositório de fórmulas extraordinárias, como se se tratasse de um livro sagrado de poções mágicas a que só alguns iniciados têm acesso.

Escultura do Dr. Sousa Martins alvo de devoção popular

Esta escultura é proveniente do jazigo de família de Sousa Martins no cemitério de Alhandra. Foi oferecida por um devoto como agradecimento de uma cura atribuída ao médico, e ocupa um lugar privilegiado, num pequeno altar existente entre a urna de Sousa Martins e a urna de sua mãe.
O jazigo é aberto ao público apenas duas vezes ao ano: no dia de nascimento de Sousa Martins (7 de março) e no dia da sua morte (18 de agosto). Nestes dias, crentes provenientes de todo o país e mesmo do estrangeiro acumulam-se para entrar no jazigo, para agradecer, pedir ou simplesmente rezar junto da urna com os restos mortais do Dr. Sousa Martins. Uma vez no interior do jazigo, reza-se, beija-se a fotografia do Dr. Sousa Martins, deixa-se dinheiro, toca-se na urna, encostam-se a cabeça, crianças de colo, objetos pessoais, medalhas, fotografias, flores, para que fiquem abençoados por ele, para que adquiram a sua proteção. Esta necessidade de toque estende-se ao exterior do jazigo, e a parede que confronta com o caixão é também venerada. No espaço exterior envolvente são colocadas as flores, velas, ex-votos em cera, lápides de mármore, sinais de agradecimento e de reconhecimento, que servem também como manifestação da demonstração do poder de intervenção do Dr. Sousa Martins.
Mas é no interior do jazigo, junto desta escultura, colocada próximo das imagens de Santo António e Santa Filomena, de retratos de Nossa Senhora, do Dr. Sousa Martins e de sua mãe, que a devoção é especial. É a ela que os devotos fazer, muitas vezes, os seus pedidos e as suas ofertas, como se as fizessem diretamente ao Dr. Sousa Martins. Está por isso coberta de terços, a que se juntam medalhas, papelinhos com pedidos escritos, fotografias dos entes mais queridos, para que o médico, o *irmão* ou o *santo* não os esqueça e interceda por eles.

como interpretar a proposta da exposição?

«non-relics? relics? almost-relics?» Who decides? Thoughts on the fourth exhibition of the project *reliquiarum* in the Temporary Exhibition Gallery of the Museu de São Roque, May 3 to July 28, 2024

Alberto Saviello
Institute of Art History, University of Bern
SNSF-Project: Global Bones. Entangled Histories, Transfers and Translations in the Early Modern Age

How is a relic made? And who decides whether something is a relic? These questions are the focus of the exhibition *non-relics? relics? almost-relics?* and the related study day of the *reliquiarum* project held on 6 June at Museu de São Roque in Lisbon. Do relics require the legitimisation of an institution, such as the Catholic Church, in order to be venerated and have an impact? To explore this theme, Curators Mafalda Leitão, Rita Leite, Pedro Teotónio Pereira, and António Júlio Limpo Trigueiros, in collaboration with the *reliquiarum* team and colleagues from Santa Casa da Misericórdia and the Museu São Roque, have assembled over 120 objects associated with three notable Portuguese persons: Dr José Tomás de Sousa Martins (1843-1897), Francisco Rodrigues da Cruz (1859-1948) and Luiza Andaluz (1877-1973). These individuals are not only nationally renowned but also regarded as having saintly qualities by their followers. The exhibits, comprising paintings, photographs, documents, autographs, clothing, furniture, instruments, books, and other personal items, bear witness to their lives and can be considered contact relics within a religious context. Thus, the exhibition questions whether these objects are relics or if distinctions are necessary, as suggested by its title.

The introduction to the exhibition catalogue by António Camões Gouveia, in which the exhibits are presented as «*examples of the construction of relics*»[1], provides a key reference for discussing this question. Relics are constructs, created and functioning on various levels. This can be private or familial, for example, when the objects of a beloved person are kept and linked to memories and emotions. Such private relics

were showcased in one of the previous exhibitions of the *reliquiarum* project. However, the current exhibits could be ascribed a supra-individual, social and religious-spiritual significance.

As already mentioned, the three protagonists of the exhibition were outstanding personalities of their time with contacts in the highest social circles. And to this day, all three are religiously venerated to varying degrees. They can be divided into two camps. Dr Sousa Martins stands out. Towards the end of the 19th century, he was an internationally renowned physician, pharmacologist, and professor of medicine in Lisbon. As a member of the Academia das Ciências de Lisboa with contacts to the royal family and politicians, he was dedicated to public health, particularly in combating tuberculosis. At the same time, he was uncompromisingly dedicated to the well-being of his patients. He is said to have never turned away even the poorest patients and treated them without asking for anything in return. After contracting tuberculosis himself, he took his own life in 1897 in the final stages and in the knowledge of the unstoppable course of his illness. Just a few years after his death, three public monuments were erected, which not only bear witness to Sousa Martins' social and scientific importance but have also become places of religious veneration. On the days of his birth and death, numerous devotees of the man called the «spirit of light»[2] (*spírito de luz*) gather here, but especially at the family tomb in Alhandra, to ask for his help or to thank him for miracles (mostly healings) they have experienced.

The cult around his person largely follows the traditional forms of Catholic veneration of saints with vows, prayers, pictures and sculptures of Sousa Martins and visits to his grave, where candles and ex voti made of wax and in the form of memorial plaques are donated. Most of the people who call on Sousa Martins describe themselves as Catholics. Among his followers, however, there are also esoterically and magically orientated people who claim to be in contact with Sousa Martins' spirit and thus receive healing or divination abilities themselves. However, despite the charity practised by the doctor and the numerous miracles witnessed after his invocation, the church does not recognise his veneration. This is certainly due to his suicide and his lack of commitment to the church. So, are Sousa Martins' objects «non-relics» due to the lack of ecclesiastical recognition or «para-relics», as Maria de Lurdes Correia Fernandes suggested at the study day, i.e. objects to which a supernatural power is attributed that does not coincide with the orthodoxy of the dominant religion? Certain «para-Catholic» forms seem also to characterise the image of Sousa Martins' family. In particular, the role of his mother is mentioned, with whom Sousa Martins always had a close relationship and who is said to have admonished him about his duty to the poor. No partners of Dr Sousa Martins are known. His father, who died when Sousa Martins was three years old and is said to have been of lower social standing, is completely absent from public memory. This seems to open the possibility

for followers to see Sousa Martins as a «para-Jesus» and his family as a «para-Holy Family». Is it an imitation of the devil, as a caricature from Sousa Martins' time claims in an enlightened, ironic tone? The journal shows Sousa Martins receiving communion from a raven and makes fun of the (supposedly uneducated) inhabitants of Serra da Estrela who attributed healing miracles to the physician.[3]

The other two protagonists in the exhibition were also outstanding historical figures. However, the question of their religious status and the associated venerability of their material heritage seems to be primarily a church bureaucratic problem rather than a social or scholarly one. Church beatification processes have been set in motion for both Francisco Rodrigues da Cruz and Luiza Andaluz, and the venerability of Luiza Andaluz has already been recognised by Pope Francis in 2017 bestowing her the honorary title *venerabilis Dei serva*, which is a preliminary stage of beatification. Interestingly, Father da Cruz is held in greater veneration by the public and numerous miracles are attributed to him, while Mother Andaluz does not have the reputation of a miracle worker and proof of a miracle for her ecclesiastical beatification is still pending.

Both vitae of Cruz and Andaluz described in the catalogue follow the traditional pattern of hagiographies and contain usual topoi, such as the call to the service of God already experienced in childhood, selflessness and immaculate virtue. Cruz and Andaluz spent almost their entire lives within the structures and in the service of the Church. Both choose the Iberian saint and apostle of modern times, Francis Xavier, as their model, with Cruz fulfilling his apostolate in Portugal, while the *Congregação das Servas da Nossa Senhora de Fátima*, founded by Andaluz, began its missionary work in Mozambique still during the founder's lifetime. So, are the personal objects of these two people «relics» or «quasi-relics» because their veneration has already been officially recognised by the Church or is likely to be recognised in the near future? This leads to the question of whether it is the Church that determines who is a person worthy of religious veneration and what can therefore be considered a relic?

This question can perhaps be better discussed with a view to history, just as the current situation perhaps allows a better view of the history of the veneration of saints. In the course of the Reformation in the late 15th and 16th centuries the veneration of relics became an increasingly contentious issue. After the Catholic Church had firmly committed itself to the veneration of saints and relics, the Vatican endeavoured to place the process of canonisation and thus the legitimisation of the religious veneration of the deceased and their relics under the central control of the Pope with the foundation of the Congregation of Rites in 1588 and numerous subsequent papal decrees. The Roman Church thus had the means to prohibit the veneration of a person; on the other hand, a cult of saint cannot be created by papal decrees. Whether a person was regarded as worthy of veneration and accepted as the patron saint of a community, whether a cult developed around a saint, has probably always been a people's

judgment, a decision of the *vox populi*. Hedwig Röckelein has worked this out in view of the 9th century translations of relics to Saxony.[4] Only if a critical public recognised the holy person as such through their participation in processions, veneration and prayers, the transferred relics of the saint could develop social and religious relevance. The church can therefore prohibit a religious veneration, but it cannot enforce it.

But how does a cult come into being? The problem is linked to the question of the religious status of the venerated person and that of his or her material legacy. Just as relics are constructs, so are social reality and the veneration of saintly persons. Saints or para-saints need to be recognised by the public, and the public in turn needs places where they can constitute themselves and things to which they can direct their veneration. The places, above all the burial sites of the venerated deceased, and their bodily and secondary relics are the crystallisation points at which a cult manifests itself. In addition to concrete places, there is a need for medial communication and transmission. Only when various media, such as hagiographies, miracle reports, images, prayers, chants, processions, ex-votos, candles, etc., express the spiritual significance of a person, can that person become part of the collective consciousness and an object of communal veneration.[5] One example of this is the internet group set up by a follower of Sousa Martins to promote communication between his faithful and spread devotion. Digital media are playing an increasingly important role in the construction of sainthood, a development that the Catholic Church has taken into account with the recent canonisation of Carlo Acutis, the first so-called «cyber apostle» and «influencer God», who died in 2006 at the tender age of 15.

The veneration of relics, the material remains of revered people, may seem somewhat archaic in this respect. However, relics have the advantage over digital media in that they can be touched and thus suggest an immediate, direct connection to their former owners. Through their materiality alone, they convey the impression of closeness and authenticity. In my opinion, however, the question of whether the objects in the exhibition are relics cannot be conclusively answered. In any case, it does not depend on whether the church recognises the cult of the person in question, but on whether there are people who accept them as objects with religious significance. However, the church, as a former monopolist of sanctity and as a powerful lobbyist, plays an essential role in the construction of new saints through its social influence, structures and traditions. This can even be seen where, as in the case of Sousa Martins, cults develop without permission and outside the norms of the church, while still drawing on traditional Christian ideas and forms.

Ultimately, one could even ask to what extent a museum exhibition itself contributes to raising the status of the objects on display and turning them into (albeit profane) relics of our society.

1. GOUVEIA, (2024), p. 9.
2. PEREIRA, (2024), p. 23.
3. PEREIRA, (2024), p. 41.
4. RÖCKELEIN, (2002).
5. Following Régis Debray, these constellations and discourses could be captured with a «mediology» of sanctity.

REFERENCES

GOUVEIA, António Camões (2024), non-relics? relics? almost-relics? doctor Sousa Martins, father Cruz, mother Andaluz. *não-relíquias? relíquias? quase-relíquias?* Ed. João Miguel Simões. Lisbon: Museu São Roque, pp. 9-10.

PEREIRA, Pedro Teotónio (2024) — *não-relíquias*? o doutor Sousa Martins. O culto ao Dr. Sousa Martins. A fé na ciência. *não-relíquias? relíquias? quase-relíquias? Exposição*. Ed. João Miguel Simões. Lisboa: Museu São Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, pp. 15-20.

RÖCKELEIN, Hedwig (2002) — *Reliquientranslationen nach Sachsen im 9. Jahrhundert. Über Kommunikation, Mobilität und Öffentlichkeit im Frühmittelalter*. Stuttgart: Thorbecke.

Texto crítico e reflexão conceptual: Exposição e catálogo *não-relíquias? relíquias? quase-relíquias?*

Joana Palmeirão
Universidade Católica Portuguesa (Porto), Escola das Artes, CITAR
Universidade de Évora, Laboratório HÉRCULES

Nos dias 5 e 6 de julho de 2024, decorreu no Museu de São Roque, em Lisboa, a 4ª Jornada de estudo do projeto *reliquiarum*, onde tive a oportunidade de visitar a terceira exposição do projeto, intitulada *não-relíquias? relíquias? quase-relíquias?*. O evento explorou as complexidades e nuances em torno de três figuras ilustres nacionais que se tornaram foco de peregrinação e devoção: o doutor Sousa Martins, o padre Cruz e a madre Luiza Andaluz. Partindo de três objetos – um estetoscópio monaural, um barrete e um lenço de pescoço – a exposição e o respetivo catálogo centraram-se na intrigante questão: o que define uma relíquia? Por outras palavras, serão o lenço da madre Andaluz ou o barrete do padre Cruz mais relíquias do que o estetoscópio do doutor Martins?

O debate levantado pela exposição é pertinente e incita a uma análise crítica sobre como entendemos a santidade, a devoção e a memória coletiva. O que resta destas personagens – os seus restos mortais, os seus objetos e até memórias – são ou não relíquias? Esta questão convida-nos a reconsiderar as fronteiras entre o sagrado e o profano, entre a história e a lenda e, em última análise, entre o que é oficialmente reconhecido e o que é popularmente venerado.

O doutor Sousa Martins, renomado médico da segunda metade do século XIX, é venerado por muitos, especialmente pela sua dedicação à medicina e ao bem-estar dos mais desfavorecidos. Embora não tenha sido formalmente canonizado pela Igreja Católica (e provavelmente nunca o será) é, ainda hoje, alvo de peregrinação, orações e pedidos de devotos. Já o padre Cruz, que dedicou a sua vida à causa religiosa e ao apoio aos necessitados, ganhou uma reputação de «santo» ainda em vida, com uma devoção popular que se intensificou após a sua morte, incluindo relatos de milagres diversos. O seu processo de beatificação, iniciado em 1951, ainda está em andamento. Finalmente, a madre Luiza Andaluz, conhecida pela sua amabilidade e dedicação às meninas desfavorecidas, sob a proteção de Nossa Senhora de Fátima,

foi reconhecida pelas suas «virtudes heroicas», sendo declarada «venerável», pelo papa Francisco, em 2017.
Das três figuras em análise, a madre Andaluz está claramente mais próxima de ser oficialmente reconhecida como «santa» pela Igreja Católica. Mas será que isso faz dos seus bens mais relíquias do que os das outras duas figuras? Esta questão leva-nos a refletir sobre o que realmente confere santidade a um objeto: é o reconhecimento oficial ou a devoção popular que transforma algo em relíquia? Talvez, para a Igreja, a resposta à primeira pergunta seja sim, mas para a devoção popular, claramente não.
O doutor Sousa Martins é uma figura a quem muitos devotos e fiéis recorrem em busca de ajuda e agradecimento, especialmente para a cura de doenças. A sua devoção popular é expressiva e o seu «santuário» é amplamente visitado, sendo que os relatos de milagres e curas atribuídos a ele são numerosos. Este é um caso particularmente interessante pois, para muitos, especialmente os mais idosos, Sousa Martins representava não apenas um médico, mas uma figura quase mística, cuja compaixão e dedicação transcendiam as limitações da medicina da época. A minha mãe, médica de família durante muitos anos, testemunhava a imensa gratidão dos doentes, sobretudo dos mais carenciados, que lhe ofereciam o pouco que tinham – desde animais e legumes até outros bens que produziam –, em reconhecimento pelo seu cuidado. Este gesto de gratidão, embora não relacionado diretamente com a figura de Sousa Martins, ilustra como o respeito por profissionais de saúde que demonstram verdadeira compaixão podem evoluir para uma veneração quase religiosa. Embora fosse um homem da ciência e ateu, Sousa Martins é visto como «santo», não pela sua fé, mas pela forma como atuava – um médico de grande competência e humanidade, que colocava o bem-estar dos outros acima do seu.
O padre Cruz, por sua vez, é outra figura cuja devoção popular é significativa, com muitos relatos de milagres e curas, embora o seu processo de beatificação possa demorar bastante tempo. Ele foi visto como «santo» ainda em vida, não só pela sua vida religiosa, mas pela sua dedicação aos demais. Na manhã do dia da jornada, tive a oportunidade de visitar o quarto do padre Cruz no Palácio Caldas. A visita tinha outro propósito, mas, por curiosidade, visitei o seu quarto, antes sequer de saber que ele seria tema na jornada e exposição. Admito que ao entrar senti imediatamente uma atmosfera de paz e santidade, assumindo, por ignorância, que estava no quarto de um santo oficial. Mais tarde, descobri que ele (ainda) não era canonizado. Existem, no entanto, muitos relatos de diferentes tipos de curas e milagres associado ao «santo» padre, desde curas de saúde até «curas» financeiras. As pessoas pedem-lhe um pouco de tudo, o que demonstra a profunda fé e devoção em torno deste homem.
Tanto o doutor Sousa Martins como o padre Cruz partilhavam uma profunda preocupação pelos pobres e doentes, muitas vezes ajudando gratuitamente, e ambos carregavam doenças em vida. Esta condição parece ter acentuado a perceção de

santidade, pois, apesar da sua própria fragilidade, continuaram a dedicar-se ao bem-estar alheio, como se o seu propósito de vida fosse servir os outros. Um como médico, o outro como sacerdote, ambos viviam uma vida de serviço e sacrifício, colocando as necessidades dos outros acima das suas. Na morte, foram e são objeto de orações e pedidos de devotos, muitos seguidos de milagres que ninguém pode explicar. Mas, à luz da Igreja, estas pessoas não são santas. Em contraste, a madre Luiza Andaluz, apesar de ser declarada «venerável» pelo papa Francisco, não possui o mesmo nível de devoção popular, nem tão pouco há tantos relatos de milagres atribuídos à sua intercessão.

A partir da questão central da exposição – o que faz com que algo seja uma relíquia? –, surge outra questão: será a santidade conferida pela Igreja ou será a devoção popular que confere esse estatuto? Através das apresentações dos comissários científicos durante a jornada e da análise dos objetos aquando da visita à exposição, ficou claro que a resposta não é simples! Pelo contrário, a santidade de uma relíquia emerge de uma complexa interseção entre o reconhecimento institucional e a profunda devoção comunitária. Em alguns casos, o valor de uma relíquia é incontestavelmente reforçado pela chancela oficial da Igreja, que legitima a sua importância e função no contexto litúrgico e devocional. Contudo, existem inúmeros exemplos em que o fervor popular, independentemente de qualquer reconhecimento formal ou oficial, é o que realmente eleva uma «coisa» ao estatuto de relíquia. Estas relíquias, muitas vezes ignoradas ou até contestadas pela Igreja, encontram o seu poder e significado nas histórias e tradições locais, nas narrativas coletivas que as comunidades constroem e perpetuam ao longo do tempo. Assim, a natureza de uma relíquia não se define (ou não se deveria definir) apenas por uma autoridade singular, mas pela confluência entre fé vivida e doutrina, entre o sagrado institucionalizado e o sagrado experienciado.

A pergunta que se coloca é se a devoção popular não deveria ter um impacto maior no processo de canonização. Se a santidade de uma figura se mede pelo impacto que teve nas vidas das pessoas e pela força da devoção que ela inspira, então talvez seja hora de reconsiderar o peso que a Igreja dá à devoção popular nesses processos. A madre Andaluz, embora «venerável», tem uma devoção muito inferior à do doutor Sousa Martins e do padre Cruz, o que levanta questões sobre o que realmente define a santidade ou o santo na perceção coletiva. Afinal, enquanto a Igreja segue critérios específicos para a canonização, a devoção popular já consagrou figuras como Sousa Martins e o padre Cruz como «santos», independentemente do reconhecimento oficial. Esta visão pode ser reforçada pelas palavras do papa Francisco na «Audiência Geral» de 6 de junho de 2018, que sublinham a importância da comunidade na vivência da fé: «*Alguns pensam que na Igreja existem patrões: o Papa, os bispos, os sacerdotes e depois os outros. Não: todos nós somos Igreja! E todos temos a responsabilidade de nos santificarmos uns aos outros, de cuidarmos dos demais. Todos nós somos Igreja!*»[1].

Segundo esta perspetiva, o papa Francisco destaca que a Igreja não é uma entidade distante, moldada exclusivamente por autoridades eclesiásticas, mas uma realidade viva, sustentada por cada um dos seus fiéis. A religião, portanto, não é apenas um conjunto de regras ou dogmas, mas uma experiência coletiva, enraizada na vida das pessoas e nas suas práticas diárias.

Esta abordagem ressoa profundamente com a ideia de que o valor de uma relíquia pode ser tanto uma questão de reconhecimento institucional quanto de devoção popular. Se «*a Igreja somos todos nós*», como afirma o papa Francisco, então a santidade atribuída a alguém ou a algo também deriva da fé vivida e compartilhada por todos os membros da comunidade. Isso oferece uma análise rica sobre o papel das comunidades e das práticas individuais, privadas ou públicas, na formação da experiência religiosa, reconhecendo que a santidade pode ser encontrada tanto nas estruturas oficiais quanto nas expressões de fé popular.

A exposição *não-relíquias? relíquias? quase-relíquias?*, no âmbito do projeto *reliquiarum*, desafia-nos a reavaliar as noções de santidade, relíquia e devoção. Será que um objeto precisa do reconhecimento da Igreja para ser considerado uma relíquia, ou a devoção popular já é suficiente para lhe conferir esse estatuto? Talvez a santidade, assim como a fé, não se limite a uma definição única ou à aprovação oficial; é antes um fenómeno vivo, em constante evolução, moldado pela tradição e pela experiência pessoal e coletiva.

Através dos casos do doutor Sousa Martins, do padre Cruz e da madre Luiza Andaluz, refletimos sobre como a santidade e o reconhecimento das relíquias se manifestam em diferentes esferas – da devoção popular ao reconhecimento institucional –, e como essas dimensões se entrelaçam na prática religiosa. O desafio que nos resta é questionar e, possivelmente, redefinir o que entendemos por relíquia e santidade, e como essas conceções moldam a nossa relação com o sagrado no mundo contemporâneo.

1. AUDIÊNCIA GERAL (2018).

BIBLIOGRAFIA

AUDIÊNCIA GERAL (Praça S. Pedro Quarta-feira, 6 de junho de 2018), Papa Francisco [acedido a 10 de julho de 2024] em URL <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2018/documents/papa-francesco_20180606_udienza-generale.html>.

não-relíquias? relíquias? quase-relíquias? Algumas questões em aberto

Maria de Lurdes Correia Fernandes
Instituto de Filosofia da Universidade do Porto, Faculdade de letras

Os três casos apresentados na exposição patente no Museu de S. Roque com este tema/título – incluindo a seleção de objetos particularmente simbólicos da identidade de cada biografado – enquadram um conjunto de questões condensadas no próprio título e claramente expostas no catálogo pelo coordenador da exposição, António Camões Gouveia, e pelos autores dos estudos de caso. Mas também suscitam, em simultâneo, muitas mais, algumas das quais apenas se afloram nestas breves notas.

A primeira questão resulta do próprio conceito de relíquia, amplamente debatido em exposições e sessões anteriores do projeto *reliquiarum*, conceito genericamente aplicado ao conjunto de objetos de cada «vida» apresentada nesta exposição. Da posse e uso pessoal de objetos à sua conservação e exposição vai um longo caminho, que é, naturalmente, de construção e de afirmação de uma memória que, junto dos que tiveram contacto direto (de qualquer tipo) com as pessoas a quem pertenceram, subsiste simbolicamente nesses objetos. Mas é também inerente ao conceito de relíquia (na sua literalidade) a dimensão sagrada que se lhe atribui e que lhe confere valor espiritual, mais do que material. Poder-se-á reconhecer esta dimensão nos objetos expostos ou evocados nesta exposição?

Comecemos pelos 3 objetos selecionados pelos organizadores da exposição, sobre as três «vidas» bem diferenciadas entre si: o estetoscópio monaural do Dr. Sousa Martins, o barrete do Padre Cruz e o lenço de Luiza Andaluz. Une-os a simbologia da identidade «profissional» (incluindo a religiosa, no segundo e terceiro casos) para que remetem. Mas afastam-nos os âmbitos e os tipos de memórias que simbolizam. Pode uma memória de gratidão dos doentes assistidos pelo Dr. Sousa Martins ser comparada à admiração (difusa, quase «nacional») pelas virtudes pastorais do Padre Cruz ou ao labor de criação e dinamização de uma concreta congregação religiosa feminina pela Madre Andaluz? Poder-se-á encontrar, no tipo de memórias que estes objetos fixam, traços de sacralidade (incluindo proteção e devoção) que, por definição, se atribuem a qualquer relíquia quando identificada e reconhecida como tal? E se não é identificada como tal, que a diferencia dos objetos de outras pessoas excecionais que os seus admiradores, possuidores, divulgadores, valorizadores lhes atribuem?

No caso do Dr. Sousa Martins, ateu ou agnóstico assumido (para quem a ciência era a sua religião), tanto o estetoscópio que remete simbolicamente para a profissão de médico que o tornou admirado e recordado, quanto o conjunto de objetos que lhe pertenceram, que lhe passaram pelas mãos, ou, mesmo, que em sua memória foram feitos e publicamente expostos – vejam-se os casos do jazigo em Alhandra e da sua estátua, especialmente na Guarda, adornados de lápides, flores e velas, e as romarias de aniversário ou os relatos de «milagres» –, expressam bem a gratidão de quem se sentiu curado, a memória coletiva que perdura da sua ação, vocação e também intuição médica, e também a esperança de que a sua bondade e assistência aos doentes o tenha levado «para o céu» e, consequentemente, o faça interceder pelos vivos. E outras manifestações que neste enquadramento não são relevantes.

Pela memória e, em muitos casos, devoção «popular» à figura do Dr. Sousa Martins, pelo valor atribuído, junto dos seus admiradores, aos objetos que lhe pertenceram ou que com a sua ação se relacionam, a simbologia destes aproxima-se, de certo modo – em alguns casos – à que as relíquias têm para os católicos. Mas o seu possuidor nunca foi reconhecido pela hierarquia eclesiástica como «santificável», nem o poderia ser, pelos motivos sobejamente conhecidos. Logo, esses objetos de memória nunca poderão ser considerados relíquias. Porque se lhes não reconhece, oficialmente, caráter sagrado. Contudo, são algo que talvez se possa designar de «para-relíquias», pela similar simbologia que têm para quem, por fé declarada em registos vários, pelo seu toque, pela sua posse ou, mesmo, pela evocação da memória neles reconheça um poder similar ao milagroso. Porque hoje a sua vida está materializada em artefactos que objetivam a sua memória – nomeadamente, em museus e outros espaços públicos – e a fazem ainda presente, que a divulgam aos que o não conheceram.

Situações significativamente diferentes são as do Padre Cruz e da Madre Luiza Andaluz, cujos processos de beatificação/canonização estão em curso. A primeira, referente a um «santo popular» que, em vida, já era para muitos um «santo vivo» (o «santo padre Cruz»), conhecido e admirado (respeitado, querido) em muitas partes do país que percorreu incessantemente. A recolha de todos os seus objetos dispersos indica bem esse caminho de fixação das suas «relíquias». A segunda, de uma figura necessariamente menos «popular», mas já declarada Venerável desde 2017, com atividade mais restrita e admirada sobretudo na comunidade feminina que criou (as Servas de Nossa Senhora), tem também na recolha dos objetos pessoais um processo similar. Objetos que, em parte, deixaram de ser públicos. Sendo ambas pessoas inseridas no âmbito eclesiástico, com processos formais que visam a afirmação oficial da sua «santidade», os (ou alguns dos) seus objetos pessoais podem, de facto, ser ou vir a possuir a categoria formal de relíquias. Curiosamente, alguns objetos pessoais ou de uso de Luiza Andaluz já foram vendidos (alguns por ela própria) para obter proveitos para a sua atividade caritativa. Ou seja, os objetos respetivos

não são oficialmente relíquias, mas, se os processos forem concluídos com sucesso, sê-lo-ão todos? Adquirirão valor sagrado, além do reforço da memória, da simbologia e do valor material que, naturalmente tiveram, ou que, por esse facto, adquirirão ou reforçarão?

Uma última questão: onde reside, nesta fase e na situação de cada uma das figuras expostas, a diferença entre os objetos possuídos ou atribuídos à memória destas figuras pelos seus admiradores e objetos de outras figuras importantes do universo cultural (incluindo o religioso) português (neste caso), que se guardam em casas/museus (privados ou públicos), que são objeto de admiração, de visita, de curiosidade ou, mesmo, de veneração? Podem as «devoções» particulares atribuir «sacralidade» a esses objetos para que eles sejam vistos ou tratados como tal?

A reflexão sobre a complexidade da história e dos significados das relíquias ao longo dos tempos, das para-relíquias, das não-relíquias e dos problemas que a designação levanta tem hoje no projeto *reliquiarum* e na diversidade de exposições e publicações que promove um lugar incontornável e assumidamente desafiador. Novas perguntas, novas respostas, novas investigações surgirão e serão bem-vindas, pelo que permitem interrogar e compreender da complexidade cultural que subjaz aos fenómenos que cruzam o humano e o sagrado.

Relíquias: objetos problemáticos?

Paula Almeida Mendes
CITCEM – Universidade do Porto

Na primeira novela da I jornada do *Decameron* de Giovanni Boccaccio, Pamfilo narra a história de Ciappelletto, um homem mau e astucioso, que, com uma falsa confissão, pouco antes de morrer, engana um frade, que considera ter sido ele um «santo homem». O confessor não hesitou em divulgar, publicamente, as virtudes exemplares do falecido Ciappelletto:

> *Em suma, a gente da terra acreditou piamente naquilo que ouvia. Os assistentes ficaram assim tão exaltados na sua devoção a Ciappelletto que à saída do ofício divino uma incrível multidão andou aos encontrões. Todos acorreram a beijar-lhe os pés e as mãos, e arrancaram-lhe do corpo todas as roupas. Os que conseguiram obter um farrapo sentiam-se felizes. Foi preciso deixar ali o defunto um dia inteiro, para que todos o pudessem visitar. (...) A fama da sua santidade e a devoção de que era objecto cresceram tanto que todas as pessoas que sofressem qualquer adversidade não se dirigiam a outro santo. Chamavam-lhe e ainda lhe chamam São Ciappelletto. Há quem pretenda que Deus fez através dele, e continua a fazer todos os dias, quando se invoca o seu nome com devoção, numerosos milagres*[1].

A narrativa, não isenta de irónicos significados, ecoa a complexidade de que se reveste o contexto religioso e espiritual europeu de finais da Idade Média, nomeadamente no que diz respeito à devoção aos «santos»: uma moldura marcada por uma significativa «desordem» no que se refere à emergência de novos cultos, pese embora o facto de Alexandre III ter já criado um mecanismo – o processo de canonização –, que visava controlar o reconhecimento oficial da santidade. Um dos casos mais conhecidos é, certamente, o de São Guinefort – um santo que era um cão –, que se inscreve num quadro pautado pela ausência de critérios rigorosos no que diz respeito à ratificação de cultos e devoções, ao qual se poderá acrescentar a centralidade que as relíquias – não raras vezes falsas – alcançam nesta dimensão. Reagindo às críticas de humanistas (lembremos o *Dialogo de las cosas acaecidas en Roma* de Alfonso de Valdés) e de reformados (bastará evocar o lastro do *Traité des reliques* de Calvino), o Concílio de Trento procurou reafirmar o culto das relíquias, assim como o das imagens, através do decreto *De invocatione, veneratione, et reliquis sanctorum,* aprovado

a 3 e 4 de Dezembro de 1563, na sessão XXV. Por outro lado, os tempos pós-Trento assistiram à criação de mecanismos que visavam controlar a circulação de relíquias – tais como as visitas pastorais, as constituições diocesanas e sinodais, a autenticação e a legitimação daqueles objetos –, procurando evitar abusos. Todavia, se folhearmos muitas obras coevas que se inscrevem no filão da literatura de espiritualidade ou de devoção, encontraremos passagens que dedicam uma significativa e alargada atenção à dimensão das relíquias, mesmo quando não eram de personagens canonizadas. Na maior parte dos casos, o recurso às relíquias visava a cura de problemas de natureza física de muitas pessoas que, devido às conjunturas económicas e sociais da época, não tinham qualquer acesso às terapêuticas medicinais, ainda que, por estes séculos, estas não fossem praticadas exclusivamente por profissionais – lembremos o caso dos barbeiros, que muitas vezes desempenhavam a função de sangradores –, colocando a medicina e as práticas de cura numa posição secundária, na medida em que estas não conseguem responder com eficácia aos problemas. Com efeito, as relíquias disponibilizam um auxílio imediato e sempre útil e seguro, que vai do parto às dores de cabeça, passando pelas sezões e dores de dentes.

Efetivamente, desde a Antiguidade, na esteira do culto dos heróis[2], as relíquias dos santos eram objeto de grande veneração, na medida em que eram consideradas testemunhos da presença divina que, por seu intermédio, operava milagres. A procura de relíquias de personagens falecidas com fama de santidade, as quais se contam entre os objetos que, por tradição, adquirem um valor religioso que reside na capacidade de despertar um sentimento de devoção somente através da sua contemplação[3], obedeceu, desde sempre, ao desejo dos fiéis de continuarem a beneficiar da proteção dos santos, tanto mais que, estando eles agora em companhia de Deus, o seu papel enquanto intercessores ao serviço dos devotos se revestia de um relevo fundamental[4]. Neste sentido, a exposição *não-relíquias? relíquias? quase-relíquias?*, que constitui uma das muitas etapas do projeto *reliquiarum*, estimula uma reflexão polarizada em torno da ténue e movediça fronteira entre fé, devoção e dogma.

Um dos núcleos que compõem a exposição diz respeito a objetos relacionados com o Dr. Sousa Martins. O seu curador, Pedro Teotónio Pereira, considera o Dr. Sousa Martins um «*devoto da ciência e positivista*» e que «*é por meio da medicina*» que aquele «*praticava – positiva e técnica – que o crente vai resolver os seus problemas e [...] porventura proclamá-lo o primeiro santo dessa ciência agnóstica e científica*»[5]. Neste sentido, como bem acentua Pedro Teotónio Pereira, estes objetos poderão ser considerados não-relíquias, do ponto de vista canónico: mas são relíquias em sentido lato, na medida em que os devotos creem nas suas capacidades benéficas, como se se tratasse de objetos de devoção, cuja veneração tivesse sido sancionada pelas autoridades eclesiásticas.

Neste sentido, talvez valha a pena lembrar esta passagem da obra *Sousa Martins* do também médico Ricardo Jorge:

A imortalidade não é apenas a relíquia do valor pessoal do extinto; sem o culto póstumo, sem o fervor dos adeptos, não há peanha que a carcoma do tempo não derrube prestes. Essa adoração sagradora, e só ela perpetua, não seja porém um evemerismo étnico à busca de vã antropolatria; não, que ao fundir-se em nós — vá lá a imagem dos videntes do invisível — o preespírito das almas idas, como que se opera uma simbiose fecunda, se tal termo pode aplicar-se à sinergia de vida e morte. Vivem os dos que foram, dos que polarizaram a nossa existência com a sua orientação poderosa. E sem nebular tanatologias e metempsicoses subtis, o meu pensamento está em bem pouco; é que os mortos nos pagam as lágrimas e as lembranças, nos com pensam os esforços para resgatar-lhes a perpetuidade.

Se entre nós, médicos portugueses, for repartida a fímbria da mortalha desse que se chamou Sousa Martins, cada pedaço dela será para cada um divisa e talismã[6].

O Padre Cruz é também um dos protagonistas desta exposição. Considerado um «santo vivo» pelas suas virtudes, a devoção que se foi polarizando em seu torno carece, todavia, de uma dimensão importante para a sustentação de um processo com vista à sua beatificação, a saber, a ausência de milagres[7]. Em todo o caso, essa circunstância não impediu que a sua memória, escorada no reconhecimento da sua «santidade», se perpetuasse através dos objetos que lhe pertenceram... Serão relíquias ou serão quase-relíquias, como os objetos que estão relacionados com a Madre Andaluz?

Outros casos poderiam ser evocados, como o do «Santo Preto» de Gemunde, no concelho da Maia. Em 1841, procedeu-se a um «auto de exame e averiguação», por ordem do administrador geral do distrito do Porto, o comendador António Luís de Abreu, no sítio chamado Campa do Preto[8]. O relato que tem o «Santo Preto» como protagonista remonta ao século XVIII. Um escravo negro terá auxiliado uma donzela que tentava escapar do ímpeto sedutor de um fidalgo das Terras da Maia que, tendo conhecimento da ação do escravo, decide puni-lo, atando-o ao seu cavalo. Ao longo da marcha, o corpo do preto foi sendo despedaçado e a cabeça teria ficado naquele lugar. Rapidamente, tornou-se um local de devoção, onde acorriam pessoas em busca de milagres operados por intercessão do «santo». A exortação pastoral de D. Jerónimo José da Costa Rebelo, bispo eleito do Porto, refuta a existência de um «Corpo santo» no lugar onde erigiram um túmulo, considerando que as práticas devocionais em torno do «Santo Preto» se aproximavam da idolatria e da superstição, indo de encontro aos critérios que, de acordo com a Santa Sé, deveriam nortear a autentificação de relíquias[9].

O caso do «Santo Preto» ilustra, de forma modelar, a importância que a devoção polarizada em torno de personagens não beatificadas ou canonizadas, escorada na veneração do seu corpo ou de outro tipo de relíquias, continua a exercer: assim o atestam os casos do Dr. Sousa Martins, Padre Cruz e a Madre Andaluz. Por tudo isto,

os exemplos evocados mostram que, na moldura da devoção, o objeto que teve uma ligação com o «santo» – mesmo que este não tenha sido beatificado ou canonizado – constitui o principal vínculo. Inscrevendo-se no âmbito de uma dimensão que poderemos considerar relacionada com a devoção popular, extravasa a dimensão institucional, mantendo o sentimento de fé. Deste modo, possuir ou estabelecer um contacto com a «relíquia» plasma uma espécie de monopólio de uma dimensão sagrada que permite um sempre inquietante debate entre a devoção, a fé e a Ciência moderna na contemporaneidade.

1. BOCCACCIO, (s.d.), p. 58.
2. BROCCHIERI, & GUIDORIZZI, (2012).
3. CARO BAROJA, (1978), p. 107.
4. BOZÓKY, & HELVÉTIUS, (ed.), (1999); BOZÓKY, (2021).
5. PEREIRA, (2024), p. 19.
6. JORGE, (s.d.), pp. 1-2.
7. TRIGUEIROS, SJ, (2024), pp. 55-64.
8. LIMA, (1945), p. 239.
9. LIMA, (1945), pp. 242-245.

BIBLIOGRAFIA

BOCCACCIO, Giovanni (s.d.) — *Decameron*. Trad. Urbano Tavares Rodrigues. Lisboa: Formar; Bertrand, vol. I.

BOZÓKY, Edina (2021) — *L'imaginaire de la sainteté. De la fabrique des reliques à la fabrique des legendes*. Paris: Les Éditions du Cerf.

BOZÓKY, Edina; HELVÉTIUS, Anne-Marie, (ed.) (1999) — *Les reliques. Objets, cultes, symbols (actes du colloque international de l'Université du Littoral-Côte d'Opale)*. Turnhout: Brepols Publishers.

BROCCHIERI, Maria Teresa Fumagalli Beonio; GUIDORIZZI, Giulio (2012) — *Corpi Gloriosi. Eroi Greci e Santi Cristiani* Roma; Bari: Laterza.

CARO BAROJA, Julio (1978) — *Las formas complejas de la vida religiosa. Religión, sociedad y carácter en la España de los siglos XVI y XVII*. Madrid: Akal.

JORGE, Ricardo (s.d.) — «Sousa Martins». *Bibliografia Literária*. Lisboa: Direcção e Edição dos Serviços de Bibliografia Científica do Instituto Pasteur de Lisboa, s.d., n.º 11, pp. 1-18.

LIMA, Augusto César Pires de (1945) — «As lendas. O Santo Prêto. Processo popular de canonização». *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1945, vol. VIII, fasc. 3-4, 237-253.

PEREIRA, Pedro Teotónio (2024) — *não-relíquias?* o doutor Sousa Martins. O culto ao Dr. Sousa Martins. A fé na ciência. *não-relíquias? relíquias? quase-relíquias? Exposição*. Ed. João Miguel Simões. Lisboa: Museu São Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, pp. 15-20.

TRIGUEIROS, António Júlio Limpo, SJ (2024) — *relíquias*? o padre Cruz. O padre Cruz, a caminho dos altares já canonizado em vida pelos seus devotos. *não-relíquias? relíquias? quase-relíquias? Exposição*. Ed. João Miguel Simões. Lisboa: Museu São Roque, Santa Casa da Misericórdia, pp. 55-64.

Une fois encore : qu'est-ce qu'une relique ?

Pierre-Antoine Fabre
Ecole des hautes études en sciences sociales

Pour Ilda Mendes, fidèle observatrice des expositions de São Roque

La réflexion et l'action muséographiques du Professeur António Camões Gouveia et de son équipe ont depuis le début l'immense mérite de constater l'évidence d'un « fait » tout en multipliant – et dans l'exposition du printemps et de l'été 2024 en particulier – les interrogations sur les *modes d'existence* de ce fait. D'abord, le fait : après leur mort, certains êtres laissent derrière eux diverses choses que des vivants conservent, cette conservation étant le propre de ce « fait » : tous ceux qui meurent laissent quelque chose, mais ce quelque chose n'est pas toujours conservé *tel quel*, sans être ni jeté, ni vendu, ni transformé en vue d'un nouvel usage. Mais ces choses-là, dans ce Musée, ne sont plus disponibles ; elles ne sont plus dans la disponibilité de l'ustensile (de l'usage, de l'utile) et c'est d'abord cette indisponibilité de leur étant qui les fait voir dans leur « être »[1] et, en ce sens, les ouvre à une autre fonction.

Ensuite : comment ces « reliques » se donnent-elles à voir, ou à ne pas voir ? Quelles dévotions leur sont-elles attachées ? Et pourquoi ? Comment sont-elles des appels à la sainteté ou des manifestations de cette sainteté ? Quelle est leur vie ecclésiastique, si elles en ont une ?

Dans le cas de l'exposition du printemps et de l'été 2024, ces interrogations étaient portées à leur intensité la plus forte puisque nous avions affaire à trois « morts » extrêmement différents les uns des autres et qui, pourtant, d'une part renforçaient l'évidence du « fait » et d'autre part ne pouvaient pas ne pas nous conduire à nous interroger sur ce qu'il pouvait y avoir de commun, malgré la différence extrême de leurs anciens possesseurs, entre toutes ces choses.

Selon l'ordre de l'exposition, nous rencontrons d'abord Sousa Martins (1843-1897). Médecin, chirurgien, pharmacien, il a été aussi membre de diverses académies savantes de Lisbonne. Célibataire, il meurt de la tuberculose qu'il avait contribué à combattre, la même année qu'une tante qui s'était occupée de lui enfant. Médecin des populations pauvres de la capitale, il semble avoir consacré toute sa vie à l'exercice de son métier. Il n'était pas catholique. Il était proche des courants spiritistes très répandus dans l'Europe de cette époque, et redoutés par l'Eglise catholique comme de dangereux rivaux, en particulier pour ce qui concernait la relation des vivants avec

les morts. Mais c'est sans doute aussi pour cette raison que son esprit lui survit et que s'organise autour de sa mémoire une forme de culte.
Francisco Rodrigues da Cruz (1859-1948) est un prêtre jésuite, dont la cause de béatification est toujours en cours. Son entrée dans la Compagnie de Jésus est d'abord refusée, et ses vœux ne sont reçus que peu de temps avant sa mort. Sa santé fragile est- elle responsable de cette marginalité ? Ou est-ce le choix d'une vie apostolique itinérante intense, qui fait de lui une figure d'exception, certes, et en ce sens propice à la sanctification, mais aussi – trop – rebelle à l'obéissance ?
Luiza Andaluz (1877-1973) fonde en 1923 la Congrégation des servantes de Notre Dame de Fátima, sans clôture ni habit, dont elle écrit l'histoire dans le courant des années 1950. Sa cause est ouverte en 2000. Sa Congrégation est connue pour son activité importante dans l'ancienne Afrique portugaise à partir des années 1970.
Comme on le voit, et c'est bien ce qui fait toute l'intrigue de cette exposition, tout sépare ces trois personnages : un médecin éclairé, un prêtre gyrovague dans les campagnes du Portugal, une religieuse dans le monde. Tout ou presque : ce sont tous les trois des êtres actifs, *dévoués* aux autres auxquels ils ont donné leur vie. On pourrait dire qu'ils sont tous les trois *passés* parmi les autres, jusqu'à la mort.
Pouvons-nous aussi trouver quelque chose de commun entre les choses que ces trois morts en espérance de sainteté (sans que l'on sache précisément quelle a été *leur* espérance, mais elle devenue après leur disparition l'espérance de ceux qui les avaient connus) ont abandonnées derrière eux, comme autant désormais de petites orphelines ? Il vaut la peine de les regarder de près.
Ce sont des *traces*. Traces d'écritures, empreintes photographiques, cahiers et carnets sur lesquels des mains se sont posées, instrument que des mains ont tenues (ce que l'on appelle des reliques de « contact » dans le langage technique de la sainteté) ; empreintes d'un pouce sur un sauf-conduit, empreinte d'un visage sur un masque de plâtre… Toutes choses laissées par ces trois « passants », pour parler comme Michel de Certeau.
Mais à la pointe de l'interrogation pourrait alors surgir ceci : sommes-nous bien certains que les anciens possesseurs de ces choses aient été leurs « possesseurs » ?
Les écrits, pour la plupart, ont été donnés. Ils n'appartiennent plus à qui les a écrits. Les photographies, elles non plus, n'appartiennent plus à ceux qui en ont été les objets, elles sont passées à la priorité de leur sujet, de ceux qui les ont prises. Et ce chapelet, par exemple, ou cette canne, ou ce bréviaire, ou cette bourse de tissu, ou ce scapulaire, ou ce coffre, ou ce sceau familial, ou encore ce poste de radio, cette petite figurine – comment pouvons-nous savoir si ils n'ont pas appartenu à d'autres et si ces « possesseurs » n'ont pas été ceux (ceux et celle) qui les ont une dernière fois recueillis pour les sauver au contraire de la propriété, pour les rendre « impropres » à l'usage, pour les rendre à leur être, pour les sauver ?[2] . Ne pourrait-on pas considérer ce petit troupeau de choses sur lequel ils veillaient comme le premier acte de leur sainteté ?

1. Je reprends ici le vocabulaire phénoménologique de Martin Heidegger, en particulier dans son admirable essai publié pour la première fois en 1950 sur « l'Origine de l'œuvre d'art ». HEIDEGGER, (1987).
2. J'ai formulé ailleurs cette même hypothèse, non pas à propos des objets reliquaires, mais à propos des objets votifs : FABRE (2024). Et je fais l'hypothèse complémentaire qu'en effet, dans la pénombre des sanctuaires, reliques et ex-voto connaissent ce destin commun d'être sauvés ; d'être sauvés au point que, finalement, on les perde de vue ? Antonio Gouveia nous aide, heureusement, à les tenir un peu sous notre regard en les « exposant ».

BIBLIOGRAPHIE

FABRE, Pierre-Antoine (2024) — Sauver le monde ? *Las ofrendas como objetos culturales*. Ed. P. Fogelman. Buenos Aires : Biblos.

HEIDEGGER, Martin (1987) — L'Origine de l'œuvre d'art. *Chemins qui ne mènent nulle part*. Paris : Gallimard.

José Tomás de Sousa Martins (1843-1897), cientista e santo

Rosa Capelão
CITCEM, Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Estamos diante de um homem de pensamento racionalista e cientificista que, após a sua morte, sua memória, seus restos mortais e objetos com os quais teve contacto estreito durante sua vida tornaram-se alvo de veneração por parte de fiéis que lhe atribuem um papel de intermediação com o transcendente, buscando principalmente alcançar saúde. Essa dupla faceta, a do homem de ciência e a do homem extraordinário, revestiu-o com atributos de heroicidade que o elevaram à categoria popular de santo. A seguir, exploraremos ambas dimensões: a do cientista e a do santo.

Sua época foi marcada pelo auge do culto à ciência, onde os descobrimentos científicos ganharam relevância. O conhecimento científico, como estudo organizado e sistematizado da natureza, ergueu-se frente a outros conhecimentos considerados supersticiosos e que eram associados ao obscurantismo. A verdade da ciência emergiu como a única verdade instituinte da realidade, onde não havia espaço para outras visões do mundo, outras configurações que definissem o real. Outras formas de conhecimentos foram desqualificadas, e o único conhecimento verdadeiro e válido era aquele legitimado por estamentos acadêmicos, como aqueles aos quais o nosso protagonista pertencia.

O seu foi um tempo em que havia consciência das potencialidades do método e do conhecimento científico. Em diferentes campos, como o da medicina, se buscou romper com o passado. Surgia uma consciência histórica de estar diante de uma nova era, na qual havia plena confiança na razão, agora transformada em razão científica, para tudo explicar e orientar a vida humana, para transformá-la e melhorá-la. Havia uma confiança ilimitada no progresso, e acreditava-se que a ciência libertaria a humanidade do obscurantismo de épocas passadas. A ciência se impôs como um caminho seguro, verdadeiro e objetivo.

No campo da medicina, desde o século XVII, novos saberes ganharam espaço. A *scientia* suplantou a *ars*, empurrando para que uma arte de curar fosse substituída por uma ciência de curar. Em face do protagonismo da teoria e das instituições académicas que a custodiavam, foram relegados os empíricos, os práticos, mulheres e homens que, em

seu trabalho de dar saúde, estavam desprovidos desse manto teórico. Mas a própria memória da interação entre teoria e prática, como acontecia no passado, permaneceu refletida em uma corrente filosófica como o empirismo.

A medicina consolidou-se como uma profissão secular e culta que se preocupou, por meio de suas diversas organizações colegiadas e acadêmicas, em manter o monopólio do conhecimento e da prática médica frente àqueles concorrentes não oficiais. O cientificismo no campo médico buscou eliminar outras explicações alternativas de fenómenos naturais, que passaram a ser rotulados como supersticiosas. Ainda assim, outras interpretações e a visão mágica do mundo não se extinguiram. Pois o ser humano, além de estar dotado de razão, também é dotado de uma sensibilidade que o move e o afeta em sua leitura do mundo.

O corpo, a doença, a saúde, antes de serem questões biológicas, são conceitos culturais, percebidos e interpretados de diferentes maneiras que transcendem o pensamento científico dominante. Quando nos aprofundamos no campo categorizado como medicina popular, vemos que esta se baseia em práticas e em uma linguagem simbólica, onde tudo é um continuum, existindo uma complexa rede de correspondências entre o corpo humano e o mundo. Estamos perante um *corpo aberto*, alheio a uma leitura exclusivamente quantitativa, mecanicista e cientificista. A doença é sentida como a instauração de uma desordem, de um caos, de uma perda de harmonia. Diante da doença, o homem toma consciência de seus próprios limites, questiona-se sobre seu lugar no mundo e busca sentido para a sua existência. A vocação do espírito se insubordina diante da morte, e há diversos caminhos seguidos para restabelecer a saúde perdida.

Sobre a faceta do homem santo, é importante lembrar que a capacidade de curar o corpo sempre fez parte de um modelo de santidade que está presente no cristianismo desde os testemunhos bíblicos. A cura do corpo doente é um dos critérios hagiográficos tradicionais de santidade. Precisamente, os prodígios atribuídos ao Doutor Sousa Martins concentraram-se na cura do corpo enfermo, como ainda hoje testemunham os ex-votos a ele dedicados.

Durante sua vida, mas especialmente após sua inesperada morte, o Doutor Sousa Martins, além da sua destacada e respeitada carreira acadêmica, foi considerado portador de uma virtude, de uma capacidade, de um papel de intermediação especial e direta com o transcendente. Ao longo de sua carreira profissional como médico, foi-lhe atribuído um dom para curar, que ele compartilhava generosamente, especialmente com os mais pobres. Atualmente, além de ser visto como um homem de ciência, também é reconhecido como um intermediário com o sobrenatural. Em um mundo aleatório, imprevisível, com tendência ao caos e continuamente ameaçador, a intercessão do Doutor Sousa Martins continua a ser considerada eficaz para a restauração da saúde. Quando alguém recorre a ele em busca de ajuda, o paciente-devoto permite que o mistério entre em cena no seu quotidiano.

A farmacopeia popular não se baseia em um pensamento científico, mas sim em questões de ordem simbólica, onde o objetivo principal é recuperar o equilíbrio perdido entre o homem e a natureza, por meio de elementos carregados de sentido e significado, com os quais se busca interferir em uma sobre-natureza. No seu itinerário terapêutico, as pessoas recorrem ao uso de objetos especiais como relíquias, ou à evocação de ajuda de pessoas especiais, como intermediários no campo do sobrenatural, esperando sentir-se favorecidas pela sua *potentia*. Condicionados pela imagem que têm do corpo, fazem uma leitura dos mecanismos que intervêm no processo mágico-religioso de sua cura, independentemente dos discursos que buscam impor sua visão do mundo, como é o caso da medicina científica. Estamos diante de diferentes ideias do corpo e de modos de interpretar a doença e sua cura. Apesar de ter emergido uma nova explicação e ideia mecanicista de *corpo fechado* sustentada pela medicina académica moderna, onde o aleatório não tem espaço, pois tudo deve ter uma causa natural, a leitura simbólica que envolve certas práticas de cura persiste. São leituras a margem do normativo, autónomas e que continuam a prevalecer. Diferentes cosmovisões, sustentadas por diferentes crenças, emergem, convergem, e, em alguns casos, se reforçam com o objetivo de alcançar a saúde.

O ex-voto testemunha os benefícios do poder transcendente atribuído ao Doutor Sousa Martins. Trata-se de uma oferenda que reflete o intercâmbio entre o terreno e o transcendente, tornando pública a relação entre o humano e o sagrado. Mostra também que existe uma necessidade de dar testemunho público da gratidão pelo que foi recebido. Busca-se perpetuar a memória do que se agradece, a quem se agradece e, especialmente quem agradece. Esta prática é independente do reconhecimento oficial da igreja e manifesta que o doente ou os seus familiares têm algo a dizer no processo de cura, escolhendo agentes e recursos para a sua recuperação.

Neste contexto também surge a consagração popular de relíquias. O Doutor Sousa Martins é um símbolo vivo e saturado de significação. A devoção que lhe é prestada demonstra como a fome de relíquias continua presente com um propósito muito concreto: a cura do corpo. As relíquias permanecem como um recurso terapêutico, envoltas em práticas ainda claramente instituídas nos dias de hoje.

Por fim, destacamos o estetoscópio monoural (Lisboa, Unidade Local de Saúde São José, inv. CHLC/AMB/PHH/7/0002.2) presente na exposição, como exemplo paradigmático do que afirmamos. Trata-se de um instrumento utilizado na prática médica, que foi desenhado em 1816 por René Théophile Hyacinthe Laënnec, quem estabeleceu as bases da pneumologia moderna. O seu uso reflete a importância dos dados provenientes da experiência, sensoriais e observáveis na prática científica da medicina. Mas, ao mesmo tempo, no contexto que nos ocupa, este objeto ergue-se como um símbolo onde convergem ciência e transcendência, pensamento científico e pensamento mágico. Consagrado popularmente como relíquia, é um testemunho

incontornável do homem em quem se uniriam a sabedoria do corpo e a sabedoria do espírito, e que possuía dois atributos publicamente reconhecidos, dom e conhecimento. As práticas em torno da sua figura na atualidade revelam que o recurso ao extraordinário continua a ser essencial. Perante a incerteza e o desespero, quando a medicina científica não oferece soluções para os males que afligem o corpo e o espírito, ou quando se busca simplesmente potenciar os remédios da medicina científica, abre-se o caminho para o desconhecido. Em torno dessas práticas curativas alternativas ao modelo científico, há estratégias cognitivas carregadas de racionalidade, mas, acima de tudo, de sentimentos. A incerteza é perturbadora, e as pessoas precisam *sentir* que têm algo a dizer sobre o que lhes acontece e sentir-se participantes de um mundo que se pretende controlável. Revelam-se inevitáveis certas crenças para alcançar a cura do corpo, pois enquanto houver sentido, haverá esperança de colocar as coisas em ordem. Seja esse sentido encontrado no discurso científico ou em outro de caráter sobrenatural.

Em suma, a proclamada fé na razão científica neste contexto revelou-se uma ilusão. A ciência é um aparato de controle que simplifica o mundo para ser dominado, ajusta-o à necessidade do sujeito e busca garantir que a natureza continua a ser manejável para dar continuidade a uma determinada forma de vida. No entanto, não consegue impedir o surgimento de outras interpretações da realidade. A mitificação da vida do Doutor Sousa Martins foi possível porque a ele se atribuiu uma função de mediação entre o corporal e o espiritual, entre o céu e a terra, entre ciência e transcendência. Seu reconhecimento foi além de sua consagração como eminente cientista. Homem dedicado à sua profissão médica, como um santo de outra época, foi inclusive marcado fisicamente por uma doença inscrita em seu próprio corpo, a tuberculose, à qual dedicou parte de sua carreira e cujo curso não o impediu de, quando o momento chegou, escolher livremente o seu destino.

três casos do Brasil, três casos de Portugal; as mesmas interrogações?

Um olhar sobre a exposição temporária *não-relíquias? relíquias? quase-relíquias? o doutor Sousa Martins, o padre Cruz, a madre Luiza Andaluz* em perspectiva comparada

Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva*
Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Visitei a exposição temporária *não-relíquias? relíquias? quase-relíquias? o doutor Sousa Martins, o padre Cruz, a madre Luiza Andaluz* em duas oportunidades no mês de setembro: nos dias 20 e 22. Ambas as visitas, portanto, ocorreram ao final do verão, quando Lisboa ainda estava repleta de turistas provenientes de diversos locais do mundo, muitos dos quais também circularam pela exposição. As minhas visitas, porém, se distanciaram um pouco da de tais viajantes, pois se desenvolveu como uma das atividades de uma missão acadêmica relacionada à *Rede de Pesquisa sobre Arte e História das Relíquias Cristãs Ibéricas* (https://redepesquisarelicario.com.br/) e, mais precisamente, ao projeto de pesquisa financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) intitulado *Confluências Medievais na Religiosidade Brasileira: Inventário de Santos e Relíquias*.

A primeira visita ocorreu como a etapa final de um dia de relevante diálogo acadêmico entre o grupo que desenvolve o referido projeto e os pesquisadores vinculados ao Museu de São Roque. Desta forma, caminhar pela exposição não foi uma ação individual, mas coletiva, precedida de uma visita guiada ao museu, ao prédio da Santa Casa de Misericórdia e à Igreja.

Cheguei, portanto, à exposição, com diversas informações sobre a história e o acervo do Museu, assim como da Igreja de São Roque, e com a noção de que a sua temática girava em torno das relíquias. Porém, ainda sem dados específicos sobre o que a compunha. Assim, aos poucos, ao vislumbrar os variados objetos expostos, legendas, painéis e

* Cocoordenadora do Programa de Estudos Medievais da UFRJ. Confluências Medievais na Religiosidade Brasileira: Inventários de Santos e Relíquias. Financiamento: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Chamada Universal CNPq/MCTI n10/2023 Faixa A Grupos Emergentes). Pesquisadora PQ do CNPq/MCTI.

conversar com alguns dos responsáveis pela organização científica e museológica dos materiais exibidos, comecei a conhecer aspectos da vida e das devoções ao Dr. Sousa Martins, ao Padre Cruz e à Madre Luiza Andaluz. Fui identificando peculiaridades e conexões entre eles, e o título – *não-relíquias? relíquias? quase-relíquias?* – foi ganhando sentido.

A segunda visita aconteceu no último dia da exposição. Para essa atividade, minhas colegas brasileiras da equipe que desenvolve o projeto *Confluências Medievais na Religiosidade Brasileira: Inventário de Santos e Relíquias* e eu recebemos um encargo: refletir sobre as confluências entre os casos de santidade dos protagonistas da exposição e casos de pessoas com culto no Brasil e no medievo. Nesta ocasião, estiveram presentes, além de interessados na temática, especialistas envolvidos na organização acadêmica da exposição. Assim, foram propostas diversas questões para refletirmos juntos, tanto sobre os casos específicos contemplados, como em comparação com outros de distintos recortes temporais e espaciais. Alguns objetos receberam destaque e permitiram debater sobre os múltiplos sentidos atribuídos a eles, seja pelos venerados, pelos fiéis, pelos estudiosos, bem como para os visitantes da exposição.

Passados alguns meses daquela atividade, após relembrar diversos momentos das visitas, rever fotos, anotações registradas na ocasião e ler o catálogo, busco sistematizar as muitas questões e ideias que *não-relíquias? relíquias? quase-relíquias? o doutor Sousa Martins, o padre Cruz, a madre Luiza Andaluz* me suscitaram. Começo destacando o dinamismo do fenômeno da santidade, que apesar de ser associado ao sobrenatural, expressa-se no vivido e, portanto, torna-se objeto de estudo para os diversos campos do conhecimento. Trata-se de um fenômeno com muitas facetas, pois possuí dimensões sociais, políticas, institucionais, artísticas, econômicas, etc. E é histórico, pois se manifesta em distintos momentos e espaços, sofrendo transformações relacionadas aos contextos específicos.

O fenômeno da santidade se vincula a pessoas às quais são atribuídas virtudes e ações vistas como excepcionais. Neste sentido, retomo aqui o que escrevi há alguns anos, «*um personagem não nasce santo: é necessário que ele seja identificado como tal por outros*». Isto é, para alguém ser considerado santo não basta ter vivido de uma forma específica; é necessário que ele ou ela seja reconhecido(a) como tal por grupos e/ou instituições.

Associados ao reconhecimento da excepcionalidade de uma pessoa, são estabelecidos locais de culto, memórias sistematizadas, celebrações organizadas e partes de seu corpo ou objetos que lhes pertenciam são vistos como sagrados, ganhando status de relíquias. Tais esforços buscam legitimar, consolidar e difundir as devoções e, ao mesmo tempo, atrair peregrinos e ofertas, compartilhar valores, revestir de autoridade os patrocinadores dos cultos, permitir justificar posses, etc.

Com o decorrer da história, as demandas sociais mudam. Assim, outros cultos surgem e, em muitos casos, os antigos são ressignificados. Afinal, devido a crença de que os santos estão junto a Deus e tornam-se intercessores dos fiéis, ganham uma dimensão sobrenatural, o que permite a difusão de relatos de aparições post-mortem e de novos milagres.

Esse dinamismo se expressa na exposição por meio dos seus três protagonistas: um médico do século XIX que não possuía qualquer vinculação eclesiástica; um padre que viveu de meados do século XIX ao XX e se dedicou a ouvir confissões e a pregar de forma itinerante, sobretudo junto a detentos; uma mulher proveniente da elite, que nasceu em fins do século XIX e viveu em grande parte do XX, fundadora de uma congregação de religiosas. Pessoas com origens, perfis sociais e trajetórias diferentes, que se relacionaram com a Igreja Católica Romana de formas distintas e foram reconhecidas como excepcionais por grupos específicos, suscitando a devoção dos fiéis.

Essas diferenças ficam evidenciadas na exposição por meio dos objetos pessoais de cada personagem, que apontam para o momento e a forma como viveram e as atividades que desenvolveram: expressam, portanto, sua humanidade. Assim, no decorrer da exposição, vários se destacaram para mim: a letra de Sousa Martins em cartas e em sua agenda, alguns de seus instrumentos de trabalho, fotos suas e de outras pessoas de sua família, sua cadeira de trabalho e sua bengala; os documentos de Padre Cruz, em especial os passes de transporte, seus óculos, sua batina, a arca que guardava seus pertences – já que não possuía residência fixa –, os objetos que levava em suas viagens para ministrar os sacramentos; de Luiza Andaluz, seus lenços de seda, sua bolsa e luvas, um de seus brinquedos, o manuscrito da História da Congregação que ela escreveu, uma caixa com materiais usados para preparar relíquias dos três pastorzinhos de Fátima.

Por outro lado, os materiais exibidos também realçam a devoção a cada uma dessas figuras. Analisando o catálogo da exposição, percebo, de forma mais evidente agora, que o volume de materiais relacionados à veneração de cada um desses personagens varia.

Havia um maior número de objetos relacionados à devoção ao Dr. Sousa Martins. O mais antigo indício exposto é datado de antes da sua morte – 1881 – e aponta que ele já possuía fama de santidade em vida. Mas também havia diversas estatuetas. Uma delas, proveniente do jazigo da família, se destaca pelo grande número de terços que a cobrem e que, segundo o catálogo, são «*oferecidos nos dias em que o jazigo é aberto para veneração: 7 de março e 18 de agosto*». Também havia folhetinhos, que no Brasil denominamos como «santinhos», com imagens representando o médico e orações, e placas de ex-votos.

De Padre Cruz, falecido em 1948, cerca de 50 anos após o médico, também havia um «santinho» e ex-votos. O destaque está em duas relíquias, que se relacionam à

São Pedro Gonçalves, também conhecido como São Telmo
St Pedro González, also know as St Elmo
Imagem (provavelmente de origem portuguesa, datada por volta do século XVIII) que se encontra na Igreja de Santa Cruz dos Militares, localizada no Rio de Janeiro, na rua Primeiro de Março 36 – Centro.
© Rodrigo de Carvalho Conceição

sua fama de santidade difundida ainda em vida: um pedaço da camisa que o clérigo usava quando faleceu e uma toalha que foi colocada sobre seus ombros para o corte do cabelo.

Relacionada à devoção à Luiza de Andaluz não há nada similar ao que foi exposto sobre a veneração a Sousa Martins ou ao Padre Cruz. Não há ex-votos, santinhos ou estátuas. Há objetos da religiosa que, como realça o catálogo ao associá-los às «quase-relíquias», apontam para o seu potencial de serem considerados como tal em função da organização e expansão de seu culto.

O tempo decorrido da morte pode ser levantado para explicar essa diferença entre o quantitativo de objetos relacionados às devoções. Sousa Martin faleceu há 127 anos; Padre Cruz, há 76 e Luiza Andaluz, há 49. Essas datas podem significar que não só houve maior tempo para difusão da santidade do médico, mas também para o distanciamento entre o humano e o santo. Neste sentido, se em relação a Sousa Martin e Padre Cruz todos ou a grande maioria, respectivamente, dos que conviveram com eles já faleceram, é provável que muitos que conheceram Luiza Andaluz ainda vivem e mantém lembranças vívidas sobre ela.

Além disso, é necessário destacar a relação de cada um deles com a Igreja Católica. Sousa Martins se apresentava, como indica o catálogo, como «*devoto da ciência, positivista e materialista*». Por não ter mantido um vínculo eclesiástico, sequer como fiel, atraiu pessoas de distintas crenças, ampliando, assim, o alcance de devotos. Esse caso me fez lembrar da veneração à Santa Anastácia, que começou a se organizar no Rio de Janeiro em fins da década de 1960. Segundo a tradição, ela foi uma mulher escravizada, curandeira e que havia feito um voto para manter a sua virgindade, mas foi punida por isso. Ela é venerada pela Igreja Católica Brasileira, na Umbanda e no Espiritismo.

Padre Cruz era clérigo e em 1940 foi aceito na Companhia de Jesus. Por sua atividade pastoral itinerante, sobretudo entre doentes e marginalizados, já salientada, ganhou fama de santidade em vida. Poucos anos após a sua morte foi iniciado o seu processo de beatificação, encaminhado à Santa Sé em 1965. Em 2020 foi finalizado o processo diocesano supletivo. Ou seja, além de ter alcançado fama entre os fiéis, trata-se de uma devoção fomentada por autoridades eclesiásticas. A trajetória de vida e de culto a Padre Cruz me lembrou a do frade dominicano Pedro Gonçalves, mais conhecido como São Telmo, que viveu no século XIII na Península Ibérica. Ambos eram clérigos, dedicados a pregar e ouvir confissões, ganharam fama de santidade em vida e, ao falecerem, ocorreu a iniciativa, por eclesiásticos locais, para promover a sua canonização, que efetivamente ainda não ocorreu em ambos os casos.

Luiza Andaluz foi a fundadora da Congregação das Servas de Nossa Senhora de Fátima, com atuação na ajuda aos necessitados e no campo educacional. Ou seja, sua trajetória foi vinculada aos carentes, aos alunos da escola que fundou e com as

irmãs de sua comunidade. Seu processo diocesano de canonização foi iniciado mais de 20 anos após a sua morte, em 1997, e aberto em Roma em 2000. Em 2017 ela foi declarada como Venerável pelo Papa Francisco. Por sua vinculação à vida religiosa, cuidado com os mais pobres, atenção à educação, vejo paralelos com a trajetória de santidade de Madre Paulina, que apesar de ter nascido na Itália, desenvolveu seu ministério no Brasil. Ela, diferentemente de Madre Luiza Andaluz, já foi canonizada pelo papado, em 2002, 60 anos após a sua morte.

Visitar a exposição com a possibilidade de discutir sobre os casos de devoção abordados, de forma coletiva, foi uma experiência ímpar e enriquecedora. Ao elaborar esse pequeno texto, as ideias debatidas se mesclaram a reflexões anteriores, permitindo uma maior compreensão do fenômeno da santidade em perspectiva histórica. A partir dos casos incluídos na exposição, foi possível refletir sobre o dinamismo das devoções, que combinam aspectos comuns às singularidades.

Relato de visita à exposição temporária *não-relíquias? relíquias? quase-relíquias? o doutor Sousa Martins, o padre Cruz, a madre Luiza Andaluz*

Flavia Galli Tatsch*
Departamento de História da Arte, Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

Em setembro de 2024, tive o privilégio de visitar duas vezes a exposição temporária *não-relíquias? relíquias? quase-relíquias? o doutor Sousa Martins, o padre Cruz, a madre Luiza Andaluz*, no Museu de São Roque, em Lisboa. Ambas ocorreram no âmbito da missão acadêmica relacionada ao projeto *Confluências Medievais na Religiosidade Brasileira: Inventário de Santos e Relíquias* (financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico/CNPq, importante órgão de fomento às pesquisas no Brasil), que integra as atividades da *Rede de Pesquisa sobre Arte e História das Relíquias Cristãs Ibéricas*. Assim, antes mesmo dessas experiências ocorrerem, a viagem à Lisboa já estava imbuída de estudos sobre relíquias de santos brasileiros, no meu caso, Santo Antônio de Sant'Ana Galvão (1739-1822), mais conhecido como Frei Galvão, que foi canonizado em 2008.

A primeira visita ocorreu na sexta-feira, durante a qual minhas colegas brasileiras e eu tivemos o privilégio de conhecer o acervo do Museu de São Roque, sempre acompanhadas pelos seus pesquisadores. Ao terminar essa etapa da jornada, seguimos juntos para a Igreja dedicada a esse santo, tendo recebido uma prévia sobre a história de ambas as instituições e dos objetos e relíquias aí salvaguardados. A segunda visita ocorreu no domingo e último dia da exposição (22/09/2024). Nesse dia, fomos convidadas a gravar um pequeno vídeo com algumas reflexões sobre a mesma e os sentidos que os objetos expostos poderiam estimular nos devotos do doutor Sousa Martins, do padre Cruz e da madre Luiza Andaluz e, principalmente, no público. Assim, estas poucas linhas estão baseadas nas sensações, pensamentos e inquietações resultantes das duas visitas.

---

* Coordenadora do Laboratório de Estudos Medievais LEME/UNIFESP – Núcleo História da Arte. Confluências Medievais na Religiosidade Brasileira: Inventários de Santos e Relíquias. Financiamento: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Chamada Universal CNPq/MCTI n10/2023 Faixa A Grupos Emergentes).

Santo Antônio de Sant'Ana Galvão (1739-1822), Frei Galvão, canonizado pelo papa Bento XVI, em 11 de Maio de 2007
St Antônio de Sant'Ana Galvão (1739-1822), Friar Galvão, canonised by Pope Benedict XVI on 11 May 2007
Imagem do Frei Galvão, em Guaratinguetá, São Paulo, Brasil.
Flavia Galli Tatsch, *Confluências Medievais na Religiosidade Brasileira: Inventários de Santos e Relíquias.*
© Flavia Galli Tatsch

O trajeto, para mim, sempre faz parte de minhas experiências, principalmente no que tange às sensações estimuladas durante o percurso. O acesso à Igreja de São Roque se deu pela pequena escada em frente ao Largo da Trindade Coelho. Subimos, atravessamos a porta de entrada e iniciamos a apreciação do interior da nave pelo lado esquerdo, percorrendo lentamente as capelas laterais da Sagrada Família, de Santo Antônio, da Nossa Senhora da Piedade e de São João Baptista. Em seguida, passamos pelos altares das relíquias dos Santos e das Santas Mártires, expostos ao lado da Capela-Mor e, daí, para as capelas do Santíssimo Sacramento, de São Roque, de São Francisco Xavier e de Nossa Senhora da Doutrina.

A ornamentação, como um todo, é excepcional, valorizada ainda mais pela miríade de relíquias e seus relicários. Meu olhar buscava o sagrado ali resguardado em meio ao fausto da ornamentação. Chamou-me a atenção os pequenos cartazes em verde, dispostos na frente das capelas e contendo a frase: «*aqui há relíquias*». Um lembrete da importância das capelas e também uma forma de atrair o olhar dos visitantes distraídos ou menos conhecedores para as relíquias e seus relicários aí dispostos nos altares ou nas paredes. Contudo, apesar dessa massiva disposição, não há maiores informações sobre as relíquias ou a quem pertenceram, como foram recolhidas, quem elaborou ou encomendou os relicários, quais os caminhos e agentes responsáveis por sua circulação e inserção no espaço da Igreja de São Roque.

Passada essa primeira experiência sensorial dentro da igreja, dirigimo-nos para a exposição temporária *não-relíquias? relíquias? quase-relíquias? o doutor Sousa Martins, o padre Cruz, a madre Luiza Andaluz*. O caminho estava indicado por outro cartaz verde que se encontrava na frente da sacristia. Caminhamos por um corredor azulejado, atravessamos uma porta e chegamos a um pequeno pátio branco. Através da porta de vidro da entrada da mostra vimos o painel verde que cobria uma boa parte da parede com o título da exposição. Naquele momento, percebi que a escolha da cor verde para os painéis aqui citados não tinha nada de aleatório, pois também foi utilizada na capa do catálogo da mostra. Assim, entendi que os cartazes não somente eram uma forma de condução do olhar no corpo da igreja, como também indicava o *iter* (trajeto) do público tanto em direção às capelas quanto para a exposição.

O espaço da mostra diferia da igreja em absolutamente tudo. Descemos uma pequena escada que levava da porta de entrada para três salas pintadas em branco, desprovidas de qualquer fausto e nas quais os objetos foram dispostos conforme a sequência do título: *não-relíquias* para o doutor Sousa Martins; *relíquias* para o padre Cruz; e *quase relíquias* para a madre Luiza Andaluz. Do topo da escada já era possível perceber que as relíquias não só pertenceram a personagens que viveram em uma temporalidade muito mais próxima a nós (séculos XIX-XX), como eram significativamente diferentes: ao invés de fragmentos corporais encapsulados em relicários ricamente elaborados – que, na maioria das vezes oculta o que se encontra em seu interior –, as não-relíquias,

relíquias e quase-relíquias configuravam-se a partir de objetos pessoais e ex-votos dispostos em vitrines ou nas paredes, facilmente visualizados.
Esses três personagens tiveram vidas e experiências distintas: Sousa Martins (1843--1897) médico agnóstico, cientista e intelectual dedicou-se à cura da tuberculose; padre Cruz (1859-1948) percorreu o espaço português sem descanso, estimulando peregrinações e levando a fé para os necessitados; e Luiza Andaluz «*detentora de espiritualidade vivida*», como descrita no catálogo, fundou uma congregação religiosa feminina.
não-relíquias? relíquias? quase-relíquias? o doutor Sousa Martins, o padre Cruz, a madre Luiza Andaluz apresentou-me tabelas, legendas, linhas do tempo e objetos distintos que procuravam revelar suas vidas e atuações junto à comunidade. Mais do que isso, mostrou-me as esferas que contribuíram para a criação das memórias, para a mitificação das vidas e, sobretudo, para a legitimação de santidade. As lápides, os ex-votos e as estatuetas elaboradas para serem colocadas nos oratórios atestam o fervor da devoção dos fiéis. Além da legitimação eclesiástica – no caso da canonização do padre Cruz e da futura santificação da madre –, há também aquela do Estado – como se percebe nos monumentos –, e de indivíduos na criação de imagens – caso do modelo com efígie do doutor Sousa Martins e do molde da máscara funerária do Padre Cruz.
Por outro lado, tocou-me o lado humano dos personagens: os retratos e fotografias fazem ver seus rostos, a compleição física, a família, os conhecidos, a residência, o consultório. Somo a isso a diversidade dos artefatos de caráter pessoal ou profissional, entre os quais alguns chamaram mais a minha atenção do que outros: do doutor Sousa Martins, a campainha do gabinete, a cadeira de trabalho, as agendas e os formulários com anotações e descrições do receituário de cada paciente; do Padre Cruz, o bilhete de identidade, os passes de transportes públicos e a arca em que guardava seus pertences quando não estava em deslocamento; e de Luiza Andaluz, a feminilidade exposta pelas luvas, casaco e os três lenços, estes considerados como sua marca pessoal. Enfim, a exposição conduziu à reflexão sobre essas novas abordagens e relações com as santidades em nosso tempo e com os artefatos que hoje podem ser considerados como relíquias, muitos distintos daqueles que, tradicionalmente, atribuímos ao «sagrado».

Exposição *não-relíquias? relíquias? quase-relíquias?* (Lisboa, 2024) no âmbito de uma História dos Objetos

Renata Cristina de Sousa Nascimento*
Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Universidade Federal de Jataí
Universidade Estadual de Goiás
NEMED – Universidade Federal do Paraná

A missão de pesquisa realizada em setembro de 2024, junto ao Museu de São Roque em Lisboa (Portugal), fez parte das atividades relacionadas ao projeto *Confluências Medievais na Religiosidade Brasileira: Inventários de Santos e Relíquias* aprovado no âmbito do Edital Universal (CNPq). Entre as atividades desenvolvidas destaco as Jornadas Europeias do Património com o tema Rotas, Redes e Conexões e a exposição *não-relíquias? relíquias? quase-relíquias?* o doutor Sousa Martins, o padre Cruz, a madre Andaluz. A visita guiada e encerramento da exposição ocorreu exatamente no dia 22 de setembro de 2024. Antes dos dias das Jornadas e da exposição, tivemos a oportunidade de conhecer um pouco da história e do patrimônio, que fazem parte do acervo do Museu de São Roque em Lisboa. O Museu de São Roque exibe uma das maiores e mais importantes coleções de relicários de Portugal. «*Em boa parte proveniente da doação de D. João de Borja (1533-1606) à Companhia de Jesus, em 1588, esta coleção reúne exemplares notáveis executados em materiais nobres e de tipologias variadas, abrangendo as artes da escultura, da ourivesaria, do mobiliário e das artes decorativas*». Pelo valor dado às relíquias, pautado em crenças e nas relações de poder associadas à organização dos espaços sociais vistos como sagrados, destaca-se a memória que estes objetos representam.

Estudos recentes[1] apontam o valor dado aos objetos, que podem adquirir uma valoração simbólica excepcional. As relações entre homens e coisas, ou melhor, entre os sujeitos e os bens, são também produtoras de símbolos e de sentidos, que constroem o passado e a percepção que temos sobre ele. Portanto, discursos,

* Confluências Medievais na Religiosidade Brasileira: Inventários de Santos e Relíquias. Financiamento: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Chamada Universal CNPq/MCTI n10/2023 Faixa A Grupos Emergentes).

Maria Rita de Sousa Brito Lopes Pontes (1914-1992), Irmã Dulce, Salvador, canonizada como Santa Dulce dos Pobres, pelo papa Francisco, em 13 de outubro de 2019

Maria Rita de Sousa Brito Lopes Pontes (1914-1992), Sr Dulce, Salvador, canonised as St Dulce dos Pobres by the Pope Francis on 13 October 2019

Um caso emblemático da religiosidade brasileira contemporânea foi o processo de canonização de Irmã Dulce, sendo o terceiro mais rápido da história recente (27 anos após seu falecimento). É importante observar sua inserção política e social, o sincretismo cultural no qual se insere sua devoção, e a popularização do culto a Santa Dulce dos Pobres através de suas relíquias.

Renata Sousa Nascimento, *Confluências Medievais na Religiosidade Brasileira: Inventários de Santos e Relíquias*

lugares e vestígios materiais fortalecem lembranças e consolidam uma memória. Este conjunto de lembranças comuns é fator identitário, produto de uma tradição forjada, construída e gradativamente estabelecida. Neste sentido o que mais me chamou a atenção foram os objetos inseridos na exposição, e seus usos. Para o crente estes objetos foram santificados através do contato com seu possuidor, adquirindo distinção sócio-religiosa. Ao aproximarem-se destes objetos os devotos procuravam incorporar a graça que deles emanava. Outro elemento importante a ser destacado sobre as devoções é que esta prática se relaciona a sentimentos, emoções, a um senso de pertencimento, bem como a conceitos e ideias. Portanto, as emoções associadas a estes vestígios sagrados os definem, em última instância.

Neste sentido os objetos relacionados à vida do Santo Padre Cruz (Francisco Rodrigues da Cruz/ 1859-1948), revelam, em minha percepção, um perfil de devoção mais popular, simples, sem muitos aparatos (quase nenhum); especialmente sua batina (presente também nas fotos que fazem parte da exposição), e seu chapéu. Geralmente os objetos celebram sua austeridade e simplicidade. Um fator que me chamou a atenção sobre este personagem foi a sua itinerância, entre as muitas cidades e vilas de Portugal. Os próprios bilhetes usados nas viagens estão inseridos na exposição, o que facilitou na construção de um mapa de suas idas e vindas.

Sobre a Madre Andaluz (Luiza Andaluz/ 1877-1973) o objeto mais curioso foi certamente o mini- conjunto de brinquedos litúrgicos, que a santa já tinha em sua infância. Seus pertences indicam uma vida mais abastada e culta. Outra singularidade desta personagem refere-se ao fato de que a mesma enviava relíquias a outros eclesiásticos, no sentido de promoção e divulgação das aparições de Nossa Senhora de Fátima aos três pastorzinhos (Lúcia, Francisco e Jacinta) na Cova da Iria, antes ainda da importância que esta devoção irá alcançar. Durante a exposição é possível visualizar os saquinhos das relíquias dos pastores de Fátima, e o material que era usado em sua confecção. O perfil da madre é mais institucional, sendo possível observar também seus escritos, parte destes inseridos na exposição.

Por último destaco os objetos que relacionam-se a vida e ao trabalho do doutor Sousa Martins (José Tomás de Sousa Martins /1843-1897), o caso mais emblemático da exposição. A excepcionalidade do caso reside na crença de que este ainda realiza (de modo espiritual) curas milagrosas, mesmo que sua trajetória de cientista e não católico se distanciem deste perfil. «*Pelo seu percurso pessoal cívico e de saber médico, os seus objetos são atualmente, na maioria, peças expostas em museus*». Há também na exposição fotos de seu jazigo, que comprovam uma devoção ainda crescente. Por curar doenças pouco pesquisadas na época, como a tuberculose, o médico irá adquirindo fama de santo. É um homem de perfil caritativo, e que viveu em tempos de uma fronteira tênue entre ciência e fé, entre saber popular e científico. A transcendência ligada ao médico perpassa também formas que permeiam a religião espírita. A cadeira

em que ele sentava durante as consultas e as placas de ex-votos estão entre os objetos que me chamaram mais atenção.
A exposição é apresentada ao público de forma interessante, culta e ao mesmo tempo sensível. O processo criativo de quem organiza uma exposição é mediado pela memória cultural relacionada a uma narrativa. Neste âmbito a trama histórica torna-se visual e memorativa, tendo por princípio uma espécie de emanação de santidade, que faz parte da história das relíquias em sua amplitude analítica e documental.

1. GARÍ, (2024).

BIBLIOGRAFIA

GARÍ, Blanca (2024) — *El Poder del Objeto. Materialidad, memoria y representación en la Baja Edad Media europea.* Madrid: Siruela.

Sinopses

Synopsis

Alberto Saviello

O texto discute questões relativas à natureza das relíquias e à sua legitimidade, levantadas pela exposição *não-relíquias? relíquias? quase-relíquias?* no Museu de São Roque (3 de maio a 28 de julho de 2024). Será que a veneração religiosa (de certos indivíduos e das suas relíquias) necessita de aprovação institucional? Usando os exemplos dos protagonistas da exposição – Dr. José Tomás de Sousa Martins, Francisco Rodrigues da Cruz e Luiza Andaluz – o texto argumenta que as relíquias são construções moldadas pela crença colectiva, precedentes históricos e práticas religiosas em evolução, incluindo o papel dos meios digitais na santificação pós-moderna.

The text discusses questions regarding the nature of relics and their legitimacy, raised by the exhibition *non-relics? relics? almost-relics?* at the Museu de São Roque (May 3-July 28, 2024). Does religious veneration (of certain individuals and their relics) require institutional approval? Using the examples of the exhibition's protagonists—Dr. José Tomás de Sousa Martins, Francisco Rodrigues da Cruz, and Luiza Andaluz—the text argues that relics are constructs shaped by collective belief, historical precedents, and evolving religious practices, including the role of digital media in postmodern sanctification.

Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva

Ainda que estejam articuladas às noções sobre o divino e o sobrenatural, as crenças e as ações dirigidas aos reconhecidos como dignos de culto manifestam-se no histórico, o que configura o fenômeno da santidade como dinâmico e complexo. Assim, associadas às transformações ocorridas nas sociedades, as venerações são ressignificadas e novas pessoas são consideradas como santos e santas. No texto, a partir da experiência de visitar a exposição temporária *não-relíquias? relíquias? quase-relíquias?* o doutor Sousa Martins, o padre Cruz, a madre Luiza Andaluz, traço reflexões sobre o fenômeno da santidade em perspectiva comparada. Busco realçar que por meio da comparação de distintos casos de devoção é possível perceber aspectos comuns e singularidades, que contribuem para a compreensão da historicidade dos cultos e, por extensão, das sociedades que os promoveram.

Although beliefs and actions directed at individuals recognised as worthy of worship are manifested in history, they are linked to notions of the divine and the supernatural, which makes the phenomenon of sainthood dynamic and complex. Thus, associated with the transformations that take place in societies, veneration is re-signified and new people are considered to be saints. In the text, based on the experience of visiting the temporary exhibition *non-relics? relics? quasi-relics?* Dr Sousa Martins, Father Cruz and Mother Luiza Andaluz, I reflect on the phenomenon of sanctity from a comparative perspective. I try to emphasise that by comparing different cases of devotion it is possible to perceive common aspects and singularities that contribute to understanding the historicity of cults and, by extension, the societies that promoted them.

António Júlio Trigueiros SJ

A excecionalidade de vida do Pe. Cruz dá a este conjunto de artefactos o estatuto de verdadeiras relíquias de um homem «canonizado» em vida pelos seus devotos. São objetos que ilustram uma identidade, uma ação apostólica e sócio caritativa intensa e extensa e um conjunto de práticas devocionais que caracterizaram essa mesma ação. Daí que a consciência de serem desde logo consideradas como relíquias, quer durante a sua vida, quer após a sua morte, seja pelo cuidado com que foram conservadas, como pela consciência de que viriam a tornar-se importantes testemunhos da notória fama de santidade.

Father Cruz's exceptional life gives these artefacts the status of true relics of a man who was «canonised» during his lifetime by his devotees. These are objects that illustrate an identity, an intense and extensive apostolic and socio-charitable activity and a set of devotional practices that characterised that same activity. Hence the awareness that they were immediately considered relics, both during his lifetime and after his death, both because of the care with which they were preserved and because of the knowledge that they would become important testimonies to his notorious reputation for holiness.

Flavia Galli Tatsch

O texto consiste num breve relato sobre as duas visitas à exposição temporária, ocorridas no âmbito da missão acadêmica relacionada ao projeto *Confluências Medievais na Religiosidade Brasileira: Inventário de Santos e Relíquias.* O texto enfatiza a trajetória realizada na Igreja de São Roque até a exposição, com especial atenção à ornamentação dos espaços e a expografia das relíquias. Por fim, reflete sobre as novas abordagens sobre o que se considera por relíquias e as relações que estas estabelecem com o observador contemporâneo.

This is a brief report on the two visits to the temporary exhibition, which took place as part of the academic mission related to the project *Medieval Confluences in Brazilian Religiosity: Inventory of Saints and Relics*. The text emphasises the journey from the Church of São Roque to the exhibition, paying special attention to the ornamentation of the spaces and the display of the relics. Finally, it reflects on the new approaches to what are considered relics and the relationships they establish with contemporary observers.

Joana Palmeirão

A exposição *não-relíquias? relíquias? quase-relíquias?*, apresentada no Museu de São Roque no âmbito do projeto *reliquiarum*, convida-nos a reavaliar as noções de santidade, relíquia e devoção. A partir do estetoscópio do doutor Sousa Martins, do barrete do padre Cruz e do lenço da madre Luiza Andaluz, esta exposição incentiva-nos a refletir sobre o papel das comunidades e da memória coletiva na construção do sagrado no mundo contemporâneo.

The *non-relics? relics? quasi-relics?* exhibition, presented at the São Roque Museum as part of the reliquiarum project, invites us to re-evaluate the notions of sanctity, relics and devotion. Starting with Dr Sousa Martins' stethoscope, Father Cruz's cap and Mother Luiza Andaluz's scarf, this exhibition encourages us to reflect on the role of communities and collective memory in the construction of the sacred in the contemporary world.

Mafalda Franco Leitão e Rita Mendonça Leite

Das dezenas de objetos que compuseram o núcleo expositivo dedicado a Luiza Andaluz (1877-1973) selecionaram-se três: a mala de mão de Luiza Andaluz, uma caixa de materiais de preparação de relíquias dos videntes de Fátima e o manuscrito das suas Memórias. A mala materializa o sentido feminino de uma liderança ativa e dinâmica. A caixa de materiais de preparação de relicários de Jacinta e Francisco releva o valor que a própria Luiza Andaluz conferia já à circulação de relíquias. O manuscrito das Memórias de Luiza Andaluz, escrito pela sua mão entre 1951 e 1954, constituiria a primeira História da Congregação que fundou em 1923 – as Servas de Nossa Senhora de Fátima.

Of the dozens of objects that made up the exhibition centre dedicated to Luiza Andaluz (1877-1973), three were selected: Luiza Andaluz's handbag, a box of materials for preparing relics of the seers of Fatima and the manuscript of her Memoirs. The handbag materialises the feminine sense of active and dynamic leadership. The box of materials for preparing Jacinta and Francisco's reliquaries emphasises the value that Luiza Andaluz herself already attached to the circulation of relics. The manuscript of Luiza Andaluz's Memoirs, written by her between 1951 and 1954, would constitute the first History of the Congregation she founded in 1923—the Servants of Our Lady of Fatima.

Maria de Lurdes Correia Fernandes

Além das diversas questões colocadas já pelo coordenador da exposição, estas breves notas de reflexão vêm aduzir algumas mais, nomeadamente as que resultam da própria atribuição do conceito de «relíquia» aos três objetos selecionados pelos organizadores da exposição. Se os une a simbologia que resulta, em simultâneo, da posse e da fama de virtude que todos transmitem ou representam, afastam-nos os âmbitos e os tipos de memórias que simbolizam. Estas reflexões, com novas perguntas, afloram essa aparente contradição, sugerindo a continuidade da discussão sobre a complexidade da história e dos significados do próprio conceito de relíquia aos longo dos tempos.

In addition to the various questions posed by the exhibition coordinator, these brief notes of reflection add a few more, namely those resulting from the very attribution of the concept of «relic» to the three objects selected by the exhibition organisers. If they are united by the symbolism that results simultaneously from their possession and the reputation for virtue that they all transmit or represent, the areas and types of memories that they symbolise separate them. These reflections, with new questions, highlight this apparent contradiction, suggesting the continuation of the discussion on the complexity of the history and meanings of the concept of relic itself throughout the ages.

Paula Almeida Mendes

Tendo como pano de fundo a problemática polarizada em torno de relíquias de personagens cujo culto não foi oficializado pela Santa Sé, esta breve reflexão procura chamar a atenção para a centralidade que, na moldura da devoção, esses objetos assumem, na medida em que que constituem um dos principais vínculos entre os fiéis e o «santo».

Against the backdrop of the polarised problem surrounding the relics of people whose cult has not been officialised by the Holy See, this brief reflection seeks to draw attention to the centrality that these objects assume in the framework of devotion, insofar as they constitute one of the main links between the faithful and the «saint».

Pedro Teotónio Pereira

O desejo de cada devoto é estar próximo do Dr. Sousa Martins, para poder receber a sua ajuda e proteção. E a forma de estar mais próximo dele é visitar os locais onde está o seu corpo (jazigo de família em Alhandra), as estátuas que o representam (no centro de Alhandra, em Lisboa ou na Guarda), e os objetos que lhe pertenceram e que manuseou. Porque estes objetos adquiriram as suas propriedades e porque as suas imagens tornam-no presente e atuante. Não será este o sentido de todas as relíquias?

Every devotee's wish is to be close to Dr Sousa Martins, so that they can receive his help and protection. And the way to be closer to him is to visit the places where his body is (family grave in Alhandra), the statues that represent him (in the centre of Alhandra, in Lisbon or in Guarda), and the objects that belonged to him and that he handled. Because these objects acquired his properties and because their images make him present and active. Isn't this the meaning of all relics?

Pierre-Antoine Fabre

Ao reflectirmos sobre as vitrinas instaladas por António Camões Gouveia para apresentar as três figuras de Sousa Martins, Francisco Rodrigues da Cruz e Luiza Andaluz, interrogamo-nos sobre o significado da coleção de objetos que se encontram nestas vitrinas e se a sua conservação não será, nos moldes que tentamos discernir, uma apresentação da santidade destas figuras.

En méditant devant les vitrines installées par Antonio Camões Gouveia pour présenter les trois figures de Sousa Martins, Francisco Rodrigues da Cruz et Luiza Andaluz, on s'interroge sur le sens de ces rassemblements d'objets que ces vitrines abritent et si leur conservation n'est pas, par des voies que l'on cherche à discerner, une présentation de la sainteté de ces figures.

Pondering over the display cases installed by Antonio Camões Gouveia to present the three figures of Sousa Martins, Francisco Rodrigues da Cruz and Luiza Andaluz, we wonder about the meaning of the collection of objects housed in these cases and whether their conservation is not, in ways that we are trying to discern, a presentation of the sanctity of these figures.

Renata Cristina de Sousa Nascimento

A criação dos lugares sagrados e a atribuição de poderes sobrenaturais a pessoas e objetos estão ligados à ação simbólica do homem. Tais fenômenos se desenvolvem, por um lado, como forma de expressão da espiritualidade, estabelecendo um elo entre sagrado e profano, e, por outro, como meio de organização de espaços socializados,

nos quais as pessoas desenvolvem suas relações. Dentre os diversos elementos vinculados ao culto aos santos encontram-se as relíquias. Neste sentido, o objetivo deste texto é compartilhar, de forma breve, percepções experienciadas durante a exposição *não-relíquias? relíquias? quase-relíquias?* o doutor Sousa Martins, o padre Cruz, a madre Andaluz, em alguns aspectos culturais e emocionais, tendo por âmbito uma biografia dos objetos.

The creation of sacred places and the attribution of supernatural powers to people and objects are linked to man's symbolic action. These phenomena develop, on the one hand, as a way of expressing spirituality, establishing a link between the sacred and the profane, and, on the other, as a means of organising socialised spaces in which people develop their relationships. Among the various elements linked to the cult of the saints are relics. In this sense, the aim of this text is to briefly share perceptions experienced during the exhibition *non-relics? relics? quasi-relics?* Dr Sousa Martins, Father Cruz, Mother Andaluz, in some cultural and emotional aspects, with a biography of the objects in mind.

Rosa Capelão

José Tomás de Sousa Martins (1843-1897) foi um médico e cientista cuja memória transcendeu o campo acadêmico para se tornar objeto de veneração popular. Embora inserido no contexto do cientificismo do século XIX, que priorizava a razão e o progresso científico sobre crenças tradicionais, Sousa Martins adquiriu um status de santidade, sendo reconhecido não apenas por suas contribuições médicas, mas também pela sua reconhecida capacidade de cura. Após sua morte, Sousa Martins foi considerado um intercessor com o transcendente. Sua imagem e as relíquias associadas sintetizam a convergência entre ciência e fé, razão e mistério, mostrando que, mesmo em um mundo regido pelo progresso e o discurso cientificista, o extraordinário ainda ocupa um papel essencial no imaginário coletivo. Em suma, a veneração de Sousa Martins e suas relíquias reflete a necessidade humana de equilíbrio entre conhecimento científico e crença no sobrenatural, destacando que a ciência, apesar de sua capacidade de controle e explicação, não eliminou a busca por outras formas de interpretar e enfrentar a realidade.

José Tomás de Sousa Martins (1843-1897) was a doctor and scientist whose memory transcended the academic field to become an object of popular veneration. Although he was part of the 19th century scientific movement, which prioritised reason and scientific progress over traditional beliefs, Sousa Martins acquired the status of a saint, not only for his medical contributions, but also for his recognised ability to heal. After his death, Sousa Martins was considered an intercessor with the transcendent. His image and the associated relics synthesise the convergence of science and faith, reason and mystery, showing that even in a world governed by progress and scientific discourse, the extraordinary still occupies an essential role in the collective imagination. In short, the veneration of Sousa Martins and his relics reflects the human need for a balance between scientific knowledge and belief in the supernatural, emphasising that science, despite its capacity for control and explanation, has not eliminated the search for other ways of interpreting and confronting reality.

FICHA TÉCNICA / CREDITS

Coordenação Geral / General Coordenation
Teresa Nicolau

Coordenação Executiva / Executive Coordenation
Teresa de Freitas Morna

Coordenação do projecto *reliquiarum* / Coordenation of *reliquiarum* project
António Camões Gouveia

Autoria dos Textos / Texts
Alberto Saviello
Andréia Frazão da Silva
António Trigueiros
Favia Galli Tatsch
Joana Palmeirão
Mafalda Leitão
Maria de Lurdes Fernandes
Paula Almeida Mendes
Pedro Teotónio Pereira
Pierre-Antoine Fabre
Renata Sousa Nascimento
Rita Mendonça Leite
Rosa Capelão

Edição / Editing
Miguel Rodrigues Lourenço

Apoio técnico / Thecnical suport
Gonçalo de Carvalho Amaro
João Miguel Simões
Maria do Carmo Lino
Maria João Pacheco Ferreira
Sílvia Linhares Pereira

Secretariado / Administrative Support
Elisabete Moreno
Fátima Rodrigues

Tradução / Translation
Multilingual Europe

Design Gráfico / Design and Layout
Luis Chimeno Garrido

Fotografia / Photo Credits
Flavia Galli Tatsh
Leonor Wagner Alvim
Núcleo de Audiovisuais e Multimédia / SCML - João Carlos Oliveira
Rodrigo de Carvalho Conceição

ISBN
978-989-9151-83-3

8